

**UNIVERSIDADE FEEVALE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TATIANE MOURA DE OLIVEIRA

**UM OLHAR SISTÊMICO SOBRE A RELAÇÃO DA CRIANÇA E A NATUREZA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Novo Hamburgo
2019**

TATIANE MOURA DE OLIVEIRA

UM OLHAR SISTÊMICO SOBRE A RELAÇÃO DA CRIANÇA E A NATUREZA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia pela Universidade Feevale.

Orientadora: Prof.^a Dra. Suelen Bomfim Nobre

Novo Hamburgo

2019

TATIANE MOURA DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, com o título: UM OLHAR SISTÊMICO SOBRE A RELAÇÃO DA CRIANÇA E A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, submetido ao corpo docente da Universidade Feevale, como requisito necessário para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada por:

Professora orientadora: Dra. Suelen Bomfim Nobre - Feevale

Professora Dr^a. Dinorá Tereza Zucchetti- Feevale (Banca examinadora):

Professora Me. Sandra Danieli Werlang- Feevale (Banca examinadora):

Novo Hamburgo, ____ de _____ de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, que me deu força para concluir esta etapa de minha vida, trazendo à memória tudo aquilo que me dá esperança. Ele que segurou minhas mãos quando muitas vezes desanimava, à Ele a Glória, a Honra, toda minha gratidão ao Senhor.

À minha família que sempre esteve ao meu lado, que são motivo de força dentro de mim, meus irmãos e minhas tias. Em especial minha mãe e minha avó, que me apoiaram com palavras de motivação e amor, ainda quando criança, e decorrer desta caminhada, não deixando desistir. Obrigada pela compreensão da minha ausência em diversos momentos em família, vocês são incríveis e não existem palavras para expressar o amor que tenho por cada um.

Agradeço ao meu companheiro e grande amigo, por todo o incentivo desde o início da minha vida acadêmica até hoje. Obrigada por toda a ajuda e força, obrigada pela compreensão e por acreditar em mim e nos meus sonhos.

Quero agradecer todos os professores que passaram pela minha vida durante todos esses anos, desde o ensino fundamental até a graduação, cada um teve um papel fundamental em minha formação. Mas em especial quero agradecer minha professora do EJA Vladiane Silva dos Santos, que Deus colocou em meu caminho para que despertasse dentro de mim sonhos que já haviam adormecido, me incentivou e acreditou no meu potencial, tua força me encorajou a prosseguir por um caminho que eu mesma nem acreditava, obrigada.

Em especial também aos professores da universidade Feevale, que ao longo do curso de Pedagogia, contribuíram para minha aprendizagem e crescimento, não apenas como aluna, mas como pessoa. A minha amada e querida Professora Suelem Bomfim Nobre, que foi maravilhosa neste tempo, aceitou me orientar nos meus estudos com muito carinho, sempre muito atenciosa e dedicada. Foi um tempo precioso para mim, de inúmeras aprendizagens, mas quero destacar que a maior aprendizagem foi o exemplo de professora que és e que eu almejo ser, quero ser um referencial, assim como a Professora Dalila e a Professora Suelem foram para mim, certamente não esquecerei.

Não poderia deixar de fora minhas amigas, que da Feevale irei levar para a vida, foram muitas amizades conquistadas durante esses anos e levarei todas em meu coração. Porém existem aquelas que são especiais, que são separadas por Deus

para nossa vida, por esse motivo quero agradecer ao grupo das PedagoGatas, Patricia, Kessilin, Tatiane, Andreza Lilian e Kath, aprendemos muito juntas, uma sempre apoiando a outra, dando incentivo e força, obrigada por toda a parceria e motivação, pelas risadas mas também pelas aprendizagens.

Muito Obrigada!

“Seja forte e corajoso! Não fique desanimado, não tenha medo, porque eu, o Senhor, seu Deus, estarei com você em qualquer lugar para onde você for”.

(Josué 1:9)

RESUMO

O presente estudo aborda como tema principal, as contribuições da relação da criança com a natureza e de que forma são explorados e utilizados os espaços externos na EI, na faixa etária 4 e 5 anos, no município de Campo Bom. A pesquisa foi desenvolvida numa abordagem qualitativa-exploratória, no contexto da Educação Infantil com a professora titular da turma e a coordenadora pedagógica da instituição. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada, aplicada no período de agosto a setembro de 2019. Os sujeitos de pesquisa foram: uma professora da Rede Municipal de Campo Bom/RS; e uma Coordenadora da pedagógica, ambas atuam na mesma instituição. Em relação ao referencial teórico, a pesquisa está baseada nos estudos de Louv (2016), Tiriba (2016; 2018), Carvalho (2012) Horn (2004; 2017), Barros (2018) e Freire (2013). Os resultados da pesquisa foram categorizados nas seguintes formas: relatos da professora titular da turma, sua trajetória profissional, e a respeito da ligação a natureza com os docentes; relatos da vida profissional de uma coordenadora pedagógica em relação à criança e natureza. A partir dos resultados obtidos, pode-se concluir que as docentes procuram aproximar e criar um vínculo entre a criança e natureza, porém muitas vezes encontram empecilhos, com uma ideia de que a natureza é perigosa e suja. É de suma importância a conscientização não somente dos discentes, bem como, da família, visto que, a natureza é fundamental para o desenvolvimento desde os primeiros anos de vida. Foi possível perceber que essa conexão, auxilia em uma vida mais saudável, contribuindo para vários fatores, como o cognitivo, afetivo, sensorial e motor, tornando adultos mais conscientes, ecológicos, ativos, criativos e mais autônomos, consequência de uma infância alegre e cheia de descobertas.

Palavras-chave: Criança. Natureza. Espaços Naturais. Educação Infantil. Prática Docente.

ABSTRACT

The present study aims to be as contributions of the relationship between children and nature and how the external spaces in CE, about 5 and 6 years, in the city of Campo Bom are explored and used. The qualitative-exploratory approach in the context of early childhood education with the teacher and the pedagogical coordinator of the institution. It was used as a data collection instrument a semi-structured interview, applied from August to September 2019. The research subjects were: a teacher from the Municipal Network of Campo Bom / RS; and a pedagogical coordinator, both work in the same institution. Regarding the referential, the research is based on the studies of Louv (2016), Tiriba (2016; 2018), Carvalho (2012) Horn (2004; 2017), Barros (2018) and Freire (2013). The results were categorized as the following ways: reports of the teacher, her professional career and the connection between nature and teachers; reports of the professional life of a pedagogical coordinator concerning the child and nature. From the results obtained, it can be concluded that teachers approximate and create an emotional link between the child and nature, but often find obstacles, with an idea that nature is dangerous and dirty. It is of almost important to raise awareness not only of students but also of the family. Nature is the key to development from the earliest years of life. It was possible to realize that: this connection helps in a healthier life and contributes to several factors, such as affective, cognitive, sensory and motor, making adults more mindful, ecological, active, creative and more independent. Result of happy and full childhood discoveries.

Key words: Child. Nature. Natural areas. Childhood education. Educational practice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espaços naturais na escola pesquisada	49
Figura 2 – Espaços naturais da escola pesquisada	50
Figura 3 – Espaços naturais da escola pesquisada	51
Figura 4 – Espaços naturais na escola pesquisada, horta sustentável.....	51
Figura 5 – Espaços naturais na escola pesquisada, cisternas.....	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Contribuições da aproximação criança-natureza na concepção da professora Bela	63
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A PESQUISA E A PESQUISADORA	13
3 PROPOSTA DE PESQUISA	17
3.1 TEMA.....	17
3.2 JUSTIFICATIVA.....	17
3.3 PROBLEMA.....	20
3.4 OBJETIVOS	20
3.4.1 Objetivo Geral	20
3.4.2 Objetivos Específicos	20
4 ABORDAGEM METODOLÓGICA	21
4.1 ESPAÇO DE PESQUISA.....	22
4.2 SUJEITOS DA PESQUISA	22
4.3 COLETA DE DADOS	22
4.4 ANÁLISE DE DADOS	24
5 REFERENCIAL TEÓRICO	26
5.1 DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SEUS DIREITOS	26
5.2 RELAÇÃO DO SUJEITO COM A NATUREZA	37
5.3 ESTUDOS VISITADOS QUE EXPLORARAM OS SABERES E PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: APROXIMANDO A CRIANÇA DA NATUREZA.....	44
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	49
6.1 COMO ESTÃO ORGANIZADOS OS ESPAÇOS NATURAIS DA ESCOLA?	49
6.2 ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA: O DESEMPAREDAMENTO DAS CRIANÇAS.....	52
6.3 ENTREVISTA COM A PROFESSORA TITULAR DA TURMA: AS INTERFACES DO CONTATO SIGNIFICATIVO COM O MEIO NATURAL.....	58
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	76
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	77

1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa abordou a relação da criança com a natureza na Educação Infantil (EI), procurou-se analisar as interfaces desta aproximação e como ela está articulada diretamente às suas aprendizagens iniciais, avaliando ainda, de que maneira as docentes exploram os espaços externos da escola e os recursos naturais disponíveis no ambiente.

Neste sentido, o presente estudo teve a intenção de provocar uma reflexão sobre o Transtorno de Déficit da Natureza, buscando estreitar os laços da criança da EI aos ambientes naturais, uma vez que, estudos apontam (TIRIBA, 2005; LOUV, 2009) que o uso das tecnologias digitais tem tomado o lugar de propostas pedagógicas com a natureza, tanto na escola como na sociedade em geral. Nesta perspectiva, Tiriba nos traz que:

[...] Todos os lugares são propícios às aprendizagens: terreiros, jardins, plantações, criações, riachos, praias, dunas, descampados; tudo que está no entorno, o bairro, a cidade, seus acidentes geográficos, pontos históricos e pitorescos, as montanhas, o mar. Além de se constituírem como espaços de brincar livremente e relaxar, esses lugares podem também ser explorados como ambiente de ouvir histórias, desenhar e pintar, espaços de aprendizagem, em que se trabalha uma diversidade de conhecimentos. (TIRIBA, 2010, p. 9).

No decorrer de experiências profissionais vividas pela pesquisadora, surgiram algumas inquietações, que referem-se ao fato de que muitas escolas tanto de educação infantil quanto anos iniciais do ensino fundamental, pois alguns professores não demonstram interesse por criar estratégias de ensino e aprendizagem, além do que já se conhece. Adepto a esse, a realização de observações e estágios obrigatórios, ao longo da trajetória acadêmica, permitiu examinar e refletir sobre o espaço da escola e as atividades realizadas no mesmo, a fim de compreender como eram conduzidas essas aulas, o envolvimento dos alunos e de que forma contribuía no desenvolvimento integral da criança.

Entende-se que o brincar faz parte do desenvolvimento integral da criança e é parte relevante nos processos de ensino e aprendizagem. Quando esse brincar acontece de maneira livre, onde a criança desperta e de forma orgânica é convidada pela própria natureza através de seus instintos, essa aprendizagem consolida-se e o ambiente natural permite que ela se sinta segura para explorar e expressar suas curiosidades, desejos e até mesmo seus medos. Não barra qualquer tipo de

sensação, pelo contrário, instiga-o para uma maior imaginação e construção dessas através desse mundo natural e fantástico que possui infinitas cores, sons, aromas, formas, podendo então ser realizadas inúmeras atividades pedagógicas em meio a estes espaços. Conforme Louv (2016),

Brincar em ambientes naturais parece oferecer benefícios especiais. Em primeiro lugar, as crianças ficam fisicamente mais ativas quando estão ao ar livre –uma dádiva em uma época de estilos de vida sedentários e sobrepeso epidêmico. (LOUV, 2016, p. 70).

Reconhece-se que a aproximação com a natureza é a representação do amor pelo mundo que em que vivemos, pois sabemos o quão bem ela faz para todos, imagina então para uma criança! É uma atitude vital para motivar e expandir conhecimentos que nos ajudem a levar uma vida mais saudável, natural e sustentável em nosso planeta, contribuindo para um novo estilo de vida para disseminação de legados positivos a próxima geração.

Neste cenário, essa pesquisa teve por objetivo analisar de que forma os professores utilizam os espaços naturais em uma escola de Educação Infantil no município de Campo Bom/RS e identificar as práticas pedagógicas que envolvem esses ambientes ao ar livre e as respectivas contribuições que a natureza pode proporcionar no desenvolvimento integral para as crianças de (4-5 anos).

O embasamento teórico está dividido em quatro capítulos que discutem o tema desta pesquisa. O primeiro capítulo destinou-se a Educação Infantil, o desenvolvimento humano na primeira infância e os direitos legais, como crianças. O segundo referiu-se a Relação do Sujeito com Natureza abordando a questão de que, cada vez mais os espaços naturais estão sendo deixados de lado por conta do medo, da insegurança, da criminalidade e como as tecnologias digitais estão ganhando espaço no momento do brincar. No terceiro capítulo conceituou-se os benefícios diretos propiciados a partir do contato com a natureza e os benefícios para seu desenvolvimento integral. No último capítulo foram referenciados estudos que mapearam diferentes estratégias de ensino ofertadas ao ar livre, trazendo exemplos de vivências escolares e práticas docentes.

No que tange a metodologia, esta pesquisa se alicerçou no método qualitativo, tendo assim, como instrumento de coleta de dados, entrevista semiestruturada com a professora titular da turma e a coordenadora pedagógica da escola.

2 A PESQUISA E A PESQUISADORA

Ao me deparar com o início da escrita do meu TCC fiquei um pouco assustada e me perguntando o que eu poderia falar de forma sucinta sobre minha vida pessoal e assim fazendo a relação com o tema escolhido. Existem diversos assuntos a serem tratados que são de grande importância para a educação, que escolher somente um fica difícil, mas após refletir bastante sobre o pouco de minha prática docente, como aluna e também como criança, eis que o tema a ser pesquisado surge através, principalmente, de muitas lembranças da minha infância.

Me chamo Tatiane Moura de Oliveira, tenho 30 anos, natural do município de Três Coroas/RS, mas resido desde muito pequena na cidade de Sapiranga/RS, onde vivi praticamente toda a minha história até aqui.

Não tive uma infância muito fácil. Tive um pai ausente, mas que morava dentro da mesma casa. Sempre presenciei todas as brigas, violência doméstica, e sempre fui para a escola com medo, pois não gostava de deixar minha mãe sozinha, e ela é maravilhosa. Acredito que isso me fez perder parte da aprendizagem, pois não conseguia me concentrar pensando em todas as coisas que todos os dias passávamos dentro de casa.

A escola deveria ser um refúgio para mim, mas infelizmente não foi, e talvez não por culpa da direção ou de professores, não culpo ninguém, mas lembro-me que fui uma criança extremamente quieta na escola, não era de questionar, nem responder, conversava apenas com quem estava perto e quando eu não entendia eu não perguntava e também não fazia as atividades, eu sabia somente que estava ali e que teria que passar para a próxima série, e hoje com o conhecimento que tenho me questiono que olhar sensível que aquelas profissionais teriam? Será que não me viam em nenhum momento? Mas um dia uma professora da 3º série me viu, mas não da maneira que eu esperava, e me constrangeu na frente de toda a turma erguendo minha prova lá na frente e dizendo que eu tinha tirado zero por isso, apenas segurava todo aquele aperto e medo dentro de mim, eu tinha medo de falar, pois em casa o que eu mais escutava era “cala a boca” e na escola reagiam igual mas com outras palavras.

As vezes penso: será que se a didática dos professores fosse diferenciada, mais ousada e lúdica, com um olhar atento a todos, não só a mim por que tenho certeza que dentro daquelas salas haviam outras “Tatis”, cada uma com sua história,

e talvez dessa forma eu e mais alguns que precisassem, para que pelo menos por um tempo esquecessem o que estava acontecendo dentro de minha casa. Bom! Eu não sei, mas com toda a certeza na minha prática docente vou fazer o possível para que enquanto os meus alunos estiverem comigo dentro ou fora da escola, quero proporcionar momentos onde a imaginação e a magia vão ser os convidados especiais, dando liberdade a toda brincadeira e diversão e, automaticamente, tirando o pensamento do lugar de negatividade, tristeza e medo, um dos motivos pelo qual escolhi o tema.

Recordo de quando éramos crianças eu, meu irmão e os amigos que moravam perto, subíamos nas árvores de araçá que tinha em nossa rua para pegar as frutas, no caminho que fazíamos para escola existiam muitos pés de bergamota, mas gostávamos de pegar de uma senhora que era muito braba. Eu caí diversas vezes nesta árvore pois quando a senhora escutava a gente na árvore nós saímos correndo.

Alegria total quando chovia e minha mãe deixava a gente tomar banho de chuva e depois brincar no barro, lembro que eu pegava todas as colheres da minha mãe e os potes de embalagens que ela guardava para nos dar em dia de chuva pois sabia que iríamos pedir para brincar de fazer tortas de chocolate e todos os outros sabores, montávamos as tortas e meus avós “comiam”.

Uma das minhas brincadeiras preferidas era de comidinha, quem não gostava muito era a minha vó, pois eu pegava as flores e folhagens dela para fingir que era comida. E tinha a preferida dela que também era minha, uma folhagem linda, com uma folha grande, arrancava para fazer “pastéis” que era recheado com as flores pequenas, muita água naquelas plantas, toda vez que minha vó e minha mãe iam regá-las eu já estava lá para ajudar, amava.

Também gostava de brincar que era mãe, mãe de todo mundo até dos animais, sempre tive muitos cachorros, tínhamos quatro e eu passava horas rolando no chão com eles. Coelho, porquinho da índia e passarinhos, e minha relação com eles era como se eles fossem pessoas e ficava triste de ver meu avô carnear os porcos e as galinhas, mas depois sempre comia.

Na escola onde cursei o ensino fundamental, no início, haviam árvores, algumas plantas e um pátio com areia. Depois de determinado tempo foram aumentando o prédio até que conseguiram acabar com toda a natureza do ambiente, restando atualmente apenas salas e pátio coberto com piso de concreto. Recordo-me que uma vez por semana nós tínhamos que lavar as classes, com sapólio e isso dava

muita sujeira e bagunça, então cada um carregava sua classe e saíamos para fora da sala, assim acontecia a limpeza e alegria junto, pois sair de sala era coisa rara, tinha muito conteúdo e não dava para fazer algo na rua ou uma saída a campo, nosso dia preferido era o da faxina mesmo, pelo menos podíamos sair um pouco e olhar para a rua, ver algo diferente.

Nunca frequentei Escola de Educação Infantil, pois nessa época eram poucas escolas e poucas vagas, por esse motivo sempre fiquei em tias e um tempo com a minha vó. Sempre estudei em escolas públicas e quando fiz quinze anos fui estudar a noite para poder trabalhar durante o dia e ajudar a minha mãe com as despesas, principalmente as minhas, pois ela não tinha como dar tudo para mim e meu irmão.

Neste ano que fui estudar a noite eu reprovei e no ano seguinte fiz minha matrícula mas fui somente no primeiro semestre e desisti, na 7° série. Fiquei afastada da escola por dez anos, nesse meio tempo só trabalhava, e como alguém que não estudou e parou no meio do caminho eu tive que ir trabalhar em produção de fábrica de calçados onde permaneci trabalhando por treze anos. Meu marido sempre me cobrava para que eu voltasse a estudar, para pelo menos terminar o segundo grau e poder participar de concursos públicos, confesso que nunca dei ouvidos até que um dia brigamos por causa disso e eu resolvi a me matricular na escola que tem perto da minha casa em uma turma de EJA. Feito isso iniciei no ano seguinte, mas sem vontade alguma. Fui indo, indo e fiz muitas amizades, inclusive com a professora, Vladiane o nome dela, nunca vou esquecer pois foi ela a primeira pessoa que me incentivou a fazer faculdade. No mesmo ano toda a turma fez inscrição para o ENEM e eu claro sabendo que não iria passar, porque dez anos fora da escola, voltar estudar nove meses, fazer o ENEM e passar para mim era impossível. Mas não sabemos dos planos de Deus para a nossa vida e para minha surpresa eu passei na prova e concluí meu Ensino Médio pelo exame. Foi um dos dias mais felizes da minha vida, e neste dia minha professora ligou e me perguntou: “Tati tu olhou o resultado?” e eu disse: “olhei, mas acho que está errado porque ali está que eu passei”, ela então verificou para mim e me ligou novamente gritando no telefone que eu estava aprovada e bom, ela ficou mais feliz que eu. Mas apesar da benção que eu recebi, eu não queria continuar, para mim já era o suficiente. Imagina? Eu não tinha nem o fundamental completo e agora teria o Ensino Médio, nossa eu não queria mais nada, só curtir aquele certificado, até por que eu me achava velha para estudar e até me formar, parecia que eu ia ter uns oitenta anos. Mas ela e a diretora da escola que se chama

Carla, não desistiram, sempre insistindo para que eu continuasse e fosse fazer faculdade, conversaram muito comigo para saber o que eu gostava e que eu pudesse fazer a escolha certa. Um belo dia em minhas conversas com Deus eu resolvi, tomei coragem e decidi que faria Pedagogia. Já fui tomando as devidas providências para o financiamento, pois pagar não teria como e com bolsa não fui contemplada.

Dessa forma, com toda essa loucura, vim parar na Feevale, onde para mim parece até hoje que é mentira que estou aqui, e bem, já estou escrevendo o meu TCC. É como um sonho e ainda não consigo acreditar que cheguei até aqui, uma vez que o medo e a insegurança dominam até agora, mesmo perto, bate aquele medo de não conseguir chegar, mas sei que vai, já está quase.

Demorei bastante tempo para entrar na área e por vezes perguntava, Deus será que fiz a escolha certa? Acho que entendi errado o que o Senhor me mandou fazer, esses pensamentos negativos permeavam, vontade de desistir, e pensava no dinheiro que já estava devendo e continuava, pois sabia que ia chegar meu dia de ir para a escola e chegou, onde permaneço e onde ficarei até quando Deus quiser. Hoje tenho certeza de que é isso e não restam dúvidas do amor que tenho pela vida, pelas pessoas e pela natureza.

Diante de tudo isso, lembranças boas, outras nem tanto, é que surgiu meu tema A Criança e a Natureza, uma relação perfeita cheia de amor, aventuras e leveza. Eu, particularmente, quando fico mais perto da natureza, me sinto leve, livre, é como se eu sentisse Deus ainda mais perto de mim, algo especial acontece. Penso que essa convivência é fundamental para o desenvolvimento da criança, ela aprender a amar a natureza, o meio onde ela vive, respeitando e preservando o meio ambiente tenho certeza de que serão os melhores cidadãos que uma sociedade pode ter. Incentivar a plantação para uma alimentação mais saudável, livres de agrotóxicos e outros tipos de venenos, ser amigos dos animais, insetos, todas as espécies, entendendo que todos tem uma importante e única função na natureza. Conscientizá-los da importância das árvores flores e as demais plantas, medicinais, entre outras.

Temos na natureza uma infinidade de cores, texturas e cheiros que contribuem para que os pequenos desenvolvam os sentidos e uma nova visão de mundo e de vida, com base na harmonia e no respeito a natureza. Incentivar e aproximar esta relação entre a criança e a natureza é algo que faz bem para todos e o planeta agradece.

3 PROPOSTA DE PESQUISA

O presente trabalho procurou focar na primeira infância e nas implicações para o desenvolvimento humano, que envolvem as brincadeiras e participação em atividades ao ar livre, bem como, a atuação docente e suas práticas pedagógicas nesta área.

A proposta visou compreender a importância do contato com a natureza e as contribuições na aprendizagem do aluno, seus benefícios em relação ao desenvolvimento afetivo e cognitivo, como também quais são os apontamentos da professora participante sobre esta prática em seu trabalho.

Nesta perspectiva, de acordo com a legislação vigente, o ECA

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

IV - brincar, praticar esportes e divertir-se; (BRASIL, 1990, p. 10)

Sendo assim, é um direito legal, assegurado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ter momentos livres para brincar, praticar esportes e divertir-se, ou seja, toda criança tem o direito a proteção, a vida, ao crescimento e ao desenvolvimento pleno no decorrer de sua vida escolar.

3.1 TEMA

De qual forma a educadora utiliza os espaços externos da escola na educação infantil e a importância da proximidade da criança com a natureza.

3.2 JUSTIFICATIVA

A partir dos estágios obrigatórios do curso, assim como o remunerado, em diferentes escolas, desde a Educação Infantil até os anos iniciais do Ensino fundamental, percebi o quão limitado é o tempo em que os alunos permanecem fora da sala de aula, adaptando-se a uma rotina regrada de horários burocráticos da escola e da turma, com isso a criança perde de aprender também em ambientes externos tanto da escola quanto fora dela.

Evidências científicas apontam que a natureza é de extrema importância para o desenvolvimento infantil, em todos os aspectos: emocional, intelectual, social, espiritual e físico, e que essa relação é necessária estar presente no dia a dia da criança, conforme Tiriba (2018).

Como mencionado anteriormente no memorial da pesquisadora, os dias, os momentos mais significativos e felizes e que lembrados com alegria, aconteceram em espaços externos, ao ar livre com a natureza e com seus elementos. Entretanto, percebe-se na sociedade hoje, há um distanciamento desta relação, onde a criança parece estar mais conectada a jogos tecnológicos do que com a natureza, adotou-se outro estilo de vida e cabe a nós trazer e fazer da natureza um ambiente de prazer e lazer, como sendo direito da criança.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2017) no Campo de Experiência - Corpo gestos e movimento, traz como direito legal da criança, expressar-se por meio dos sentidos, gestos e movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos, assim,

As crianças desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem reações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. (BRASIL, 2009, p. 33).

Nesta perspectiva, brincar com elementos naturais é uma forma de conhecimento, proporcionar momentos ao ar livre e em meio a natureza é essencial, pois ali estão presentes, formatos, texturas, desenhos, encaixes e movimentos, manifestando um ambiente harmonioso e único, despertando a curiosidade e instigando a criatividade, nesta perspectiva “a natureza inspira a criatividade da criança demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos.” (LOUV, 2016).

Levar a criança a ter a natureza por perto não deve ser algo esporádico, mas sim uma relação frequente e intensa. Precisa-se deste tempo livre para brincar, explorar e perceber com sensibilidade para assim não perder essa capacidade de olhar e sentir a infinita produção de formas que o mundo natural nos oferece, pois segundo Louv (2016, p. 22) “38% das crianças gasta menos de uma hora por dia ao ar livre e já são poucas as crianças urbanas que conseguem identificar espécies vegetais e animais comuns”.

É fundamental, ainda, que os espaços de Educação Infantil, assim como as políticas de formação sejam vistas como campo intersetorial, interdisciplinar e

multidimensional, o que aponta para uma articulação entre as perspectivas da Educação, da Cultura, da Saúde, da Assistência e do Meio Ambiente; e, ainda, para uma aproximação em relação aos saberes da Educação Ambiental, cujas diretrizes são expressas na Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/99).

Está se tornando cada vez mais comum as crianças brincarem em ambientes fechados, onde os adultos idealizam para abrigá-los pensando ser mais confortável e seguro, sem perceber estão prejudicando o desenvolvimento os mesmos, pois segundo Louv,

As crianças precisam da natureza para um desenvolvimento saudável de seus sentidos e, portanto, para o aprendizado e a criatividade. Essa necessidade é revelada de duas maneiras: ao examinar o que acontece com os sentidos dos jovens quando perdem a conexão com a natureza, e observando a magia sensorial que ocorre quando eles- mesmo os que já passaram da infância- são expostos á mais ínfima experiência direta em um ambiente natural (LOUV, 2016, p. 77)

Nesse sentido, pode-se trazer à memória espaços com explosão de cores fortes, chão emborrachado, desenhos de personagens cobrindo as paredes e brinquedos de plástico, que encontram-se em diversos lugares, como escola, hotéis, espaços para brincar em consultórios médicos, restaurantes, igrejas e até mesmo em casa, uma vez que a grande maioria não gosta de ver as crianças sujas ou tem medo de serem picadas por insetos causando alergias ou aqueles que já são alérgicos voltar a ter uma reação. Dessa forma, acontece um afastamento de grande proporção entre as relações naturais e a criança. Essa poluição visual acaba atrapalhando a capacidade natural que as crianças têm de desfrutar e de se envolver com as coisas. As cores e materiais artificiais têm um potencial de comunicação muito limitado e não estimulam tanto as crianças a imaginação, diferente das brincadeiras ao ar livre (TIRIBA, 2010; LOUV, 2016).

Durante a busca por referencial teórico sobre o tema foram encontrados diversos livros, artigos científicos entre outros trabalhos, mas muitos não eram a nível nacional. Encontrei no site do CAPES, livros em pdf e físico, como o Educando na Natureza de Benedito Monteiro, Atividades em Áreas Naturais da autora Rita Mendonça, Gisele Maria Schwartz a autora de Aventuras na Natureza e Maria Isabel Amando de Barros, autora de Desemparedamento da Infância.

Nesta perspectiva, destaca-se a relevância da pesquisa para uma melhor e mais clara compreensão deste tema atual, pouco discutido e ainda distante das

práticas dos docentes e das escolas, mas que é de suma importância para criança, conforme os autores supracitados.

3.3 PROBLEMA

De que forma as práticas pedagógicas que envolvam o contato com a natureza e a exploração dos espaços naturais da escola podem contribuir para o desenvolvimento integral das crianças de quatro a cinco anos?

3.4 OBJETIVOS

Segue o objetivo geral e específicos deste estudo.

3.4.1 Objetivo Geral

Analisar as concepções docentes entorno do brincar na natureza e avaliar de que forma as práticas pedagógicas que envolvam o contato com a natureza, a exploração dos espaços naturais da escola, podem contribuir para o desenvolvimento integral de crianças da faixa etária quatro a cinco anos.

3.4.2 Objetivos Específicos

- a) Reconhecer as possíveis implicações do déficit de natureza para o pleno desenvolvimento de escolares da faixa etária quatro a cinco anos;
- b) Avaliar o potencial educativo/formativo da promoção de atividades lúdicas em ambientes externos e como esta estratégia pode influenciar na qualificação dos processos de ensino e aprendizagem na Educação Infantil;
- c) Investigar como se dá a aprendizagem da criança durante a brincadeira ao ar livre;
- d) Observar de que forma os alunos se relacionam com a natureza no tempo em que estão fora da sala de aula ou do ambiente escolar;
- e) Identificar os espaços ao ar livre da escola e de que forma os professores exploram os recursos naturais, a fim de aproximar a criança da natureza.

4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Esta pesquisa caracterizou-se pela abordagem qualitativa, na qual foi analisada a relevância dos espaços escolares, brincadeiras ao livre e a relação da criança com este meio, como este contribui para a aprendizagem e desenvolvimento integral da criança.

De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 52), na pesquisa qualitativa o pesquisador:

[...] observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação.

É de extrema importância que o pesquisador compreenda a realidade a ser pesquisada, para tanto, Negrine (2004) afirma que esse tipo de análise foca na descrição, e interpretação dos dados já obtidos durante a investigação, buscando compreender de forma contextualizada. A pesquisa qualitativa leva em consideração fatos da realidade, concentrando-se na compreensão no esclarecimento da dinâmica das relações sociais. A pesquisa descritiva tem como principal objetivo o detalhamento das características de um público, um fenômeno ou experiência para o estudo realizado.

De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 51-52),

A pesquisa exploratória é quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso.

Em colaboração ao excerto acima, Gil (1999, p. 43) destaca sobre as pesquisas exploratórias, que estas “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”, ou seja, estabelecer maior familiaridade com o problema.

Sendo assim optou-se pela pesquisa qualitativa, caracterizando-se então um estudo de caso. Conforme Yin (2015, p. 18), este tipo de pesquisa pode ser definida

como “[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo (o ‘caso’) em profundidade e em seu contexto de mundo real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes”.

4.1 ESPAÇO DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma Escola de Educação Infantil, no município de Campo Bom/RS, a instituição pertence a rede pública de ensino municipal. A preferência pela instituição como espaço de pesquisa se deve ao forte trabalho que vem sendo realizado para a promoção de práticas pedagógicas que exploram os recursos naturais, inovando suas metodologias e possibilitando uma aprendizagem mais significativa para o desenvolvimento integral dos alunos, passando mais tempo nos ambientes externos da escola e mais próximos a natureza.

4.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Os participantes deste estudo foram uma professora titular da Educação Infantil, da turma de pré 2, e uma coordenadora pedagógica da escola, ambas da mesma instituição de ensino, localizada em região central do município de Campo Bom/RS.

As profissionais foram escolhidas por sugestão da própria escola, pois desde o ano anterior a turma vêm realizando atividades ao ar livre e com a natureza, sendo que o projeto da professora titular da turma é também sobre essa relação. A escola possui vários espaços naturais, com árvores, gramado e areia onde as crianças realizam atividades pedagógicas com a professora.

4.3 COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados foi utilizado uma entrevista semiestruturada (Apêndice A), adaptada da publicação de Dallenogare (2019), com a professora titular e coordenadora pedagógica.

A coleta de dados foi desenvolvida entre os meses de setembro e outubro de 2019, contemplando carga horária de 20 horas.

A entrevista procurou trazer o máximo de clareza no que se envolvam as atitudes, os valores, motivações dentro de seus contextos sociais. Tendo a consciência o sigilo da análise e seus respectivos participantes que citarei como Professora da turma e os alunos do Pré-2, conforme citação a seguir.

É muito importante que o entrevistado esteja bem informado sobre os objetivos da entrevista e de que as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa, respeitando-se sempre o sigilo em relação aos informantes. É preciso que ele concorde, a partir dessa confiança, em responder as questões, sabendo, portanto, que algumas notas têm que ser tomadas e até aceitando um ritmo com pausas destinadas a isso. (LÜDKE, ANDRÉ, 1986, p. 37).

É de suma importância que o entrevistados tenham esta consciência, bem como o entrevistador também precisa, como já mencionado. É fundamental uma relação de confiança de todas as partes, entrar em um consenso para que a pesquisa ocorra de forma agradável, afinal será um trabalho direto com a turma.

Sendo assim a pesquisa teve como objetivo aproximar o contato com a realidade que foi investigada, proporcionando uma análise mais profunda deste contexto social, levando em consideração os dados já coletados desde o início da pesquisa. Sempre recordando que essa aproximação deve deixá-los a vontade, enriquecendo e agregando no trabalho de todos.

Nesta perspectiva, GATTI (2005, p. 12) diz que,

O foco no assunto em pauta deve ser mantido, porém criando-se um clima aberto às discussões, o mais possível livres de ameaças palpáveis. Os participantes precisam sentir confiança para expressar suas opiniões e enveredar pelos ângulos que quiserem, em uma participação ativa.

Portanto, a autora se refere sobre o grupo focal, que também será utilizado como instrumento de coleta desta investigação. A mesma traz a questão da confiança, que é de extrema necessidade, porém se posiciona em relação ao assunto que está em pauta, ou seja, o foco nesse sentido é imprescindível, o grupo deve sim ter total liberdade neste processo mas é o pesquisador precisa ser objetivo nas suas análises e realizar de maneira adequada.

O presente estudo respeitou os princípios éticos que asseguram as pesquisas na área da educação. Foi solicitada a autorização à uma instituição escolhida, a fim de proceder uma investigação, bem como aos sujeitos participantes (professores, alunos e responsáveis).

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B) assegura o anonimato do participante da pesquisa, a segurança dos sujeitos e a privacidade dos mesmos e das informações passadas, aclarando que os dados colhidos foram de uso exclusivo para fins acadêmicos, relacionados com restrição à esta pesquisa. O participante foi informado que poderá solicitar sua saída da pesquisa em qualquer processo do estudo. Caso surgissem dúvidas no decorrer da pesquisa em relação ao Termo, estas poderiam ser esclarecidas antes de iniciar as observações e intervenções da pesquisa-ação. Uma via do Termo ficou com os sujeitos da pesquisa e outra com a pesquisadora.

4.4 ANÁLISE DE DADOS

Os dados da pesquisa foram analisados através da técnica de análise de conteúdo, abordada por Moraes (1999) e Bardin (2010). De acordo com Moraes (1999) a análise de conteúdo se dá como uma interpretação feita pelo pesquisador a partir dos dados coletados relacionando-os ao estudo teórico da temática aliado aos objetivos do estudo.

Desde o início do estudo foram realizados procedimentos analíticos quando procuramos identificar as questões do problema de pesquisa. Conforme, Bardin (2010, p. 45), “A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”. Sendo assim, ao analisar um documento, seja texto, artigo ou outro, demanda novos significados e mensagens que não estão nítidas.

Bardin (2010, p. 44) define a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Moraes (1999) define cinco etapas para a análise de conteúdo: Preparação das informações; unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; Categorização das unidades em categorias; Descrição e Interpretação. Dessa forma, ao serem identificados os dados, precisam ser organizados, através de uma leitura rápida; sequencialmente, é feita uma leitura com cautela em seguida, a classificação.

O autor supracitado salienta que:

Também é preciso compreender que a análise do material se processa de forma cíclica e circular, e não de forma sequencial e linear. Os dados não falam por si. É necessário extrair deles o significado. Isso, em geral, não é atingido num único esforço. (MORAES, 1999, p. 19).

Para a aplicação da técnica de análise de conteúdo nas pesquisas ditas qualitativas, é necessária a realização de entrevista, seja focalizada ou semiestruturada.

No fragmento acima segundo as etapas de Moraes (1999) a unitarização, exige cuidado com os materiais com o objetivo de definir unidades de análise, trata-se do elemento unitário de conteúdo a ser submetido á posterior classificação. Em seguida vem a identificação das unidades da análise mas para isso é fundamental ler novamente cada uma dessas, sendo assim na terceira etapa é necessário isolar cada uma dessas unidades e retirar desta a parte escolhida do texto para que possa classificá-lo reescrevendo de maneira a ficarem individuais e isolados. A categorização por sua vez tem como objetivo acolher esses dados de acordo com as semelhanças, ela é o produto de esforço de síntese, na qual tira-se uma mensagem e seus aspectos importantes para a interpretação, que deve acontecer com todo cuidado.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

O fundamento teórico foi dividido em três capítulos que argumentam sobre o tema desta pesquisa. Foram abordados nos capítulos abaixo sobre o desenvolvimento da criança na educação infantil e seus respectivos direitos, trazendo também estudos a respeito do déficit de natureza na primeira infância e a perspectiva de estratégias pedagógicas que beneficiam a aproximação da criança e a natureza.

5.1 DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SEUS DIREITOS

No processo de desenvolvimento, a criança inicia utilizando as mesmas maneiras de comportamento que outras pessoas usaram com ela. Isto acontece porque, desde o seu nascimento, as atividades da criança possuem um significado único num sistemático comportamento social que vai adquirindo, representadas através do seu ambiente o qual está inserida, que norteiam e amparam seus objetivos. Isto vai envolver comunicação desse bebê, ou seja, sua “fala.” (VYGOTSKY, 1979).

De acordo com La Rosa (2007), Vygotsky criou a corrente sócio histórica para uma melhor e mais clara compreensão sobre o desenvolvimento humano. Segundo a teoria de Vygotsky, o sujeito se desenvolve através da socialização, entre ambiente e criança, afirma ele que ambos nascem e existem juntos, sendo partes desta mesma vivência. Essas vivências ensinam que não é difícil compreender os sujeitos sem levar em consideração o ambiente e a cultura nas quais estão inseridas. Os fatores intelectuais e emocionais se juntam na imaginação e criatividade do mundo infantil. Diante disso, os ambientes naturais, e as atividades realizadas no entorno da escola, convidam a explorações e a maior imaginação infantil, oferecendo um cenário instigante e influenciador, e essas são de tal importância que se tornaram direitos legais das crianças, o direito à liberdade.

A Educação Infantil passou por inúmeras mudanças no decorrer de sua existência. Vista no início em uma perspectiva assistencialista, ou seja, a mulher passou a ser percebida com outros olhos, se inserindo no mercado de trabalho, passando a ter uma jornada pesada entre casa, filhos e trabalho fora.

Em meados do séc. XIX, se combate um pouco essa ideia. Fazendo com que a educação de meninos e meninas se intensifique. Trazendo para dentro das escolas também outras disciplinas que colaborariam para o melhor desenvolvimento destes. Deste período em diante, a mulher passa a ser vista sob novos aspectos. Seu perfil muda à torna um ser em construção, na busca de realização e desenvolvimento de suas potencialidades. (LESKINEN, 2004, p. 65).

Educação Infantil se torna uma proposta pedagógica, aliando o cuidar e ensinar, atendendo a criança de forma integral, onde suas peculiaridades e especificidades são respeitadas.

A concepção de infância dos dias de hoje é com certeza diferenciada de séculos atrás. De um ser sem importância alguma, a criança passou a ser vista como um sujeito de desenvolvimentos e habilidades, que possui sentimentos, desejos e sonhos que precisam ser respeitados e considerados.

Segundo a BNCC (BRASIL, 2017), em meados da década de 80 a Educação Infantil era percebida como uma preparação para a escolarização que iniciava no Ensino Fundamental. Mas essa visão muda com a Constituição Federal de 1988, onde a criança passa a ser reconhecida como sujeito de direito, mudando totalmente esta perspectiva em relação à escola, a criança e às políticas públicas para a infância, trazendo uma visão ampla e moderna.

A Educação Infantil é o período que abrange crianças de 0 a 6 anos de idade, um dos seus maiores objetivos é o desenvolvimento integral dessas crianças e não falando apenas do cognitivo, mas sim do seu físico e também socioemocional (BRASIL, 2017). Nesta etapa, as crianças descobrem e adquirem capacidades consideradas relevantes e essenciais para suas habilidades motoras, para interações, brincadeiras e experiências que contribuem de forma significativa, que agregam para a construção e apropriação de conhecimentos dos mesmos.

Sabe-se que o movimento na Educação Infantil é absolutamente necessário, pois a motricidade é uma forma de expressão muito utilizada e as ações motoras das crianças são conduzidas pela emoção, de modo que as propostas motoras e interações, desenvolvidas na escola, precisam possuir um caráter lúdico e significativo, dessa forma despertam alegrias e contentamentos nas crianças (BRASIL, 2017). Freire (2008), afirma que o desenvolvimento infantil se dá por meio de processos de amadurecimento que atendam a primeira e segunda infância.

Pensando em melhor atender as especificidades da infância, Horn faz um alerta quando afirma que “sabemos muito pouco sobre elas; precisamos ouvi-las,

conversar com elas, estar junto a elas para poder ampliar suas vivências” (2008 p. 102). A autora traz em sua obra os momentos fundamentais de escuta, de conversas e de participação do professor para estar contribuindo nos momentos de vivências e aprendizagens das crianças, deixa nítido na citação que sabe-se pouco sobre elas e que essas formas apontadas pela mesma são de suma importância para conhecê-las mais profundamente, entendendo e atendendo suas necessidades do momento.

Em nível de legislação brasileira, destaca-se a constituição Federal de 1988, a qual declara finalmente os direitos das crianças, na educação básica, como no excerto a seguir:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. (BRASIL, 1988, Art. 205-2016).

Art. 208. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade. (BRASIL, 1988, Art. 208, Incisos III, V)

Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que: I – comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação. (BRASIL, 1988, Art. 213, Inciso I)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) defendem a criança e identificam seus direitos para que o planejamento seja totalmente voltado para a ela, ou seja, ela deve ser o centro deste. Uma vez que este documento destaca brincadeiras e interações que apoiam e ajudam a estruturar o processo de ensino aprendizagem na Educação Infantil.

Destaca-se no Artigo 9º das DCNEIS o seguinte:

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que: [...] VIII – incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza; [...] (BRASIL, 2009, p. 99).

Conforme a BNCC (BRASIL, 2017), a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é classificada como os primeiros momentos de experiência da criança onde acontece também a primeira separação de pais e filhos ou de outros familiares. As Escolas de Educação Infantil têm uma grande responsabilidade, a de

desenvolver as habilidades das crianças, oferecendo e possibilitando novas e diferentes aprendizagens. Nesta perspectiva, as DCNEIS (2009) destacam afirmando que as atividades e ações, que estão focadas para o ensino e aprendizagem na Educação Infantil devem considerar a integralidade da criança, como sujeito histórico e de direitos, como citado seguir:

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p. 97).

Considera-se nessa fase a importância da relação da criança com a família, sendo também um direito dela e dever dos responsáveis. Sabe-se que o primeiro contato que a criança tem quando nasce é com estes e logo, com outros que estão a sua volta. Esse relacionamento, quando bem estruturado, desenvolve na criança uma confiança que é primordial para a construção dela no dia a dia na escola, onde, conseqüentemente, também vai se sentir segura e acolhida. Dentro disso é fundamental que as famílias tomem consciência que a escola é um lugar público, um espaço para interação de toda a comunidade, não somente dos alunos, é preciso que todos colaborem para um bom e eficiente funcionamento da instituição para que assim desenvolvam um trabalho pedagógico pensando no que é essencial para a criança, atendendo suas peculiaridades e necessidades, como explanado no excerto a seguir:

Organizar a Educação Infantil para o desenvolvimento integral da criança passa necessariamente por discutir e compartilhar com a sociedade, e com a família, as finalidades da Educação Infantil na consideração das formas como as crianças, nesse momento de suas vidas, vivenciam o mundo, constroem conhecimentos, expressam -se, interagem e manifestam desejos e curiosidades de modo bastante peculiares. (CNE/CEB nº 20/2009).

Nesta perspectiva no parecer CNE/CEB nº 20/2009 destaca que um dos pontos fundamentais do trabalho com as famílias são provocadas pela participação da gestão da proposta pedagógica e pelo auxílio e acompanhamento partilhado do desenvolvimento integral da criança. É vital que a escola prestigie a participação das famílias e reinvente sempre que necessário novas formas possíveis para mantê-los informados dos acontecimentos na instituição, pois a criança precisa reconhecer e estabelecer um bom relacionamento entre casa e escola, necessita sentir-se segura nesses ambientes que para ela torna-se familiar.

De acordo com as DCNEIS (2009) existem dois conceitos relevantes e que estão presentes na Educação Infantil que são: o educar e o cuidar, que vão ao encontro da proposta de atividades realizadas na natureza. O documento a seguir afirma que:

Educar de modo indissociado do cuidar é dar condições para as crianças explorarem o ambiente de diferentes maneiras (manipulando materiais da natureza ou objetos, observando, nomeando objetos, pessoas ou situações, fazendo perguntas) e construir sentidos pessoais e significados coletivos, à medida que vão se constituindo como sujeitos e se apropriando de um modo singular das formas culturais de agir, sentir e pensar (BRASIL, 2013, p. 89).

Como mencionado na afirmação acima, é direito legal da criança a exploração dos ambientes, de diversas formas e com diferentes tipos de materiais, seja ele da natureza ou não. É direito que lhe seja dado e criado ambientes que ofereçam possibilidades para tais explorações, de sentir e expressar-se, instigando a curiosidade para que surjam questionamentos e através destes realizem suas descobertas para construção de novos sujeitos culturais e pessoais, aqueles que sentem-se livres para manifestar suas inquietações.

Conforme a legislação vigente:

A criança deve ter a possibilidade de fazer deslocamentos e movimentos amplos nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição, envolver-se em explorações e brincadeiras com objetos e materiais diversificados que contemplem as particularidades das diferentes idades, as condições específicas das crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, e as diversidades sociais, culturais, étnico-raciais e linguísticas das crianças [...]. (BRASIL, 2013, p. 93).

As vivências e as explorações resultam em descobertas, através das brincadeiras ao ar livre, onde a criança estabelece um forte contato com os quatro elementos vitais da natureza - terra, água, ar e fogo, com ciclo de vida e morte, ao perceberem alguns insetos que os cercam nesses ambientes, ou seja, isso acontece geralmente quando saem de dentro da sala de aula e buscam um lugar mais perto e em meio a natureza. É um processo dinâmico em que o educador precisa oportunizar, aguçando os sentidos, a imaginação e o sentimento de que fazem parte daquelas raízes e os ensinando a ter respeito pela terra, conscientizando-os de que é um lugar que pertence a eles, onde podem investigar e explorar sempre que sentirem vontade.

Neste cenário, Rego (2004, p. 91) enfatiza que:

O papel do professor se restringe à criação de um ambiente democrático, onde não há hierarquia, pois busca estabelecer uma relação de simetria e

igualdade com o grupo de alunos. É como se o educador tivesse que abdicar de sua autoridade e se contentar em atuar como árbitro ou moderador das desavenças surgidas no cotidiano e intervir o mínimo necessário, para não inibir “a descoberta, a criatividade e o interesse infantil”. Nessa perspectiva o mero contato ou experiência com objetos é sinônimo de aprendizagem.

Diante do excerto acima consegue-se perceber a importância do professor ter a sensibilidade de deixar que o aluno fique à vontade com suas descobertas e que apenas faça suas intervenções no momento em que o aluno manifestar essa necessidade. Por vezes, o educador acaba podendo a imaginação, a descoberta e até mesmo suas curiosidades, uma vez que o ambiente deve estar adequado e pensado para eles, sendo eles protagonistas do ambiente escolar e o educador precisa compreender que tais espaços devem instiga-los e motivá-los a ir além das paredes e muros da escola.

Segundo Horn (2004, p. 26) “a criança, na realidade, é uma construção social, é um ser “que existe” em plenitude no “aqui e agora”, produzindo “enredos” e inserindo-se em “cenários” que, muitas vezes não são feitos para ela”. Nesta perspectiva Fochi (2018) afirma que o espaço é um ambiente extremamente potente de aprendizagem para as crianças e que, portanto, o educador precisa ter um olhar atento pois considera que brincar ao ar livre em contato com a natureza é dar tempo a criança para que ela se conecte-se a si mesmo, dando a oportunidade da experiência em contatos com elementos naturais, de imaginar e de explorar.

Quando as brincadeiras acontecem ao ar livre as crianças sentem-se mais ativas para correr, pular, saltar, ou seja, tem mais liberdade e “o brincar possibilita uma releitura do contexto sociocultural emergente, amplia, modifica, cria e recria, através dos papéis que cada um dos envolvidos eleger para representar.” (BACKES e FOCESI, 2007, p. 26). As crianças aprendem brincando, manifestam sentimentos através do brincar, seja ele positivo ou negativo, aprendem a socializar brincando. Neste sentido, o papel do professor é de organizar e possibilitar através de organização de espaços e de brincadeiras que os auxiliem e instiguem sua curiosidade, criatividade e descobertas, bem como a exploração dos ambientes da escola para que possam aprender e se expressar através de diferentes maneiras e espaços diversos. Este momento deve ser considerado e respeitado pois, é no momento da brincadeira que a criança organiza seus pensamentos, superando desafios e construindo novas aprendizagens através das descobertas, “[...] partindo da premissa de que a ludicidade é própria do humano” (BACKES e FOCESI, 2007, p. 26).

Neste sentido, pode-se então compreender que é indispensável a organização desses espaços disponibilizados pela escola para as crianças brincarem, e que esses devem ser centrados no desenvolvimento e bem-estar dos mesmos. Para que assim possam contribuir efetivamente para as suas aprendizagens, oportunizando à criança o desenvolvimento da criatividade, dentre outras habilidades.

O cuidado faz parte do cotidiano escolar, principalmente na EI onde as crianças ainda são muito pequenas e algumas totalmente dependentes dos educadores. Dentro disso, destaca-se também a relevância de conhecer não só a criança mas também sua realidade cultural e social, respeitando as diferenças de cada um proporcionando momentos de brincadeiras e interação desenvolvendo e aprimorando habilidades diferenciadas, conforme seu contexto sociocultural, mas de maneira ampliada e interpessoal.

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2002), a escola é o local de tamanha importância, que faz a mediação sujeito e sociedade. Afirmam ainda, que é na escola em que são passados para a criança padrões e modelos sociais tanto de comportamento quanto de valores, propiciando a ela momentos de socialização e interação. É através desse meio escolar que a criança inicia um novo processo, no qual adquirem modelos e valores oferecidos a elas, e passa a fazer parte de um grupo social.

Nesse sentido Fochi (2018, p. 21) aborda sobre a importância das relações, dizendo que “o envolvimento dos responsáveis na vida dos espaços coletivos das crianças é compreendido como possibilidade de bem-estar da criança, combatendo todas as formas de discriminação”. Portanto para ele essa relação entre escola ou professores tornou-se um princípio “[...] que salienta a centralidade das relações de vínculo seguros e estáveis da criança com a educadora [...]” considera indispensável para o desenvolvimento da criança a necessidade e a continuidade constante desta relação, tornando-se o educador uma referência para esta criança. Levando em conta que o professor precisa acolher as curiosidades e interesses dos mesmos que ocorrem no cotidiano, seja através das diferentes falas e linguagens como também do brincar, pois sabe-se da importância destes momentos para a criança e quando sentem-se acolhidos torna-se enriquecedor e significativo.

Segundo Fochi (2018, p. 21),

Comer, descansar, andar, pela escola encontrar os amigos, fazer amigos, brincar, ir para a caixa de areia, descobrir por onde passa a água em um

conjunto de canos, todas essas podem ser atividades da vida cotidiana das crianças e merecem ser acolhidas no seu valor educativo.

Pensando nisso, é importante conscientizar e esclarecer pontos importantes sobre características da criança, da primeira infância. Para a família, quem é essa criança da Educação Infantil? Para que assim ela entenda a essência do brincar, do movimento, da arte, a expressão verbal e corporal, musical e linguagens que são utilizadas por elas durante as brincadeiras. Por meio do brincar essa liberdade toda de expressões tornaram-se direitos legais da criança. Elas se reinventam e ao mesmo tempo representam a vida real através do jogo simbólico e de maneira inconsciente é desvendado sobre o olhar daquele que brinca. Seus medos e sonhos transformam-se em realidade naquele momento e isso se torna uma grande riqueza para aqueles que estão perto. Nas brincadeiras descobre-se e convida-o a ser ele mesmo. Para Fortuna (2012, p. 29-30),

Uma escola lúdica é uma escola que assume o brincar: atividade livre, criativa, imprevisível, capaz de absorver a pessoa que brinca, não centrada na produtividade. Como brincar, na cooperação de Winnicott, é um modo particular de viver, é preciso aprender a brincar para viver com prazer e, por extensão, aprender com prazer. Assim como um jogo é tanto melhor quanto maior seu potencial instigador e seu espaço para a ação. A tensão do desejo de saber, a vontade de participar e a alegria da conquista impregnam todos os momentos. Desse modo arrebatados, professores e alunos evadem temporariamente da realidade, mas somente pelo tempo suficiente de pensar, imaginar, inventar, pois o material necessário à atividade criativa é a própria realidade.

Sendo assim, o brincar tem papel extremamente fundamental na educação Infantil e na aprendizagem da criança nesta fase. Brincar é direito obrigatório, é bom e indispensável para o desenvolvimento intelectual da criança na infância. É preciso dar à atenção merecida as brincadeiras, ignorar estas como um meio de aprendizagem e comunicação é fechar os olhos a uma reação natural da criança ao ambiente em que vive e a sua própria vida.

Fortuna (2012, p. 41) alerta que,

Apenas a disponibilidade de brinquedos, porém, não é suficiente. O professor; que realiza seu trabalho pedagógico na perspectiva lúdica, observa as crianças brincando e faz disso ocasião para reelaborar suas hipóteses e definir novas propostas de trabalho. Percebe que o melhor jogo é aquele que dá espaço para a ação de quem brinca e instiga e engendra mistérios. Intervém no brincar; não para apartar brigas ou para decidir quem fica com o quê, ou quem começa, e sim para estimular a atividade mental e psicomotora das crianças, com questionamentos e sugestões de encaminhamentos.

Sendo assim, com o olhar de Fortuna, devemos levar em consideração todas as formas de brincar, através de jogos ou não, é necessário ter sensibilidade para captar esses olhares e tipos de brincadeiras que tanto falamos, mas que por diversas vezes passam despercebidas pelo professor, pois o brincar faz parte da infância e não deve ser de forma alguma interrompida ou deixado para mais tarde, é preciso viver agora. A infância é um tempo precioso, onde a criança desenvolve importantes habilidades onde cada detalhe dela deve ser extraordinário, uma fala, um olhar, um gesto, e tudo isso acontece de forma única, é preciso apreciar, viver e sentir cada instante desse tempo, mas que para que isso ocorra de maneira saudável e natural é de suma importância que a Escola de Educação Infantil reconheça, exerça e dedique-se pois são deveres do coletivo escolar, planejar e sistematizar estas ações, assim como no texto abaixo:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança o acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, 2013, Art. 8º).

Conforme Bujes (2001, p. 21) afirma que as experiências da educação infantil devem ser mais de mais qualidade e qualificação,

Ela deve incluir o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto, para o desenvolvimento da sensibilidade; não pode deixar de lado o desenvolvimento das habilidades sociais, nem o domínio do espaço e do corpo e das modalidades expressivas; deve privilegiar o lugar para a curiosidade e o desafio e a oportunidade para a investigação.

A Educação Infantil é o primeiro contato escolar que a criança faz, por este motivo ela se torna, de certa forma, mais intensa, de modo que os processos de aprendizagens são caracterizadas pelas muitas descobertas, já que ela está se enquadrando no mundo, descobrindo sobre si, seu corpo e também seus movimentos. Diante disso, a instituição possibilita a criação e o estabelecimento das relações com diversos sujeitos e, ainda, oferece este contato com o contexto cultural, engrandecendo e enriquecendo a visão de mundo que a criança já possui, em um espaço pensado e propício para isso, segundo a autora, é necessário que o ambiente seja agradável que e instigue à sua curiosidade, assim, compreende o valoriza a verdadeira beleza dos detalhes de um modo leve de se viver, lugar onde também deve ser ouvida e respeitada por suas peculiaridades. (BARBOSA, 2009)

A escola tem uma função primordial, que é a de auxiliar a criança de uma maneira simples e eficaz, sobre o mundo em que vive, por meio de pesquisa seguida de debates, ampliando esse olhar e saindo da sociedade tradicionalista, que é capaz de enxergar seu próprio mundo, mas se pondo no lugar do outro, para que, desse modo ocorra uma constante inter-relação entre as propostas escolares, as necessidades, os interesses dos docentes e da comunidade envolvida (BARBOSA; HORN, 2008).

A função da educação infantil nas sociedades contemporâneas é a de possibilitar a vivência em comunidade, aprendendo a respeitar, a acolher e a celebrar a diversidade dos demais, a sair da percepção exclusiva do seu universo pessoal, assim como a ver o mundo a partir do olhar do outro e da compreensão de outros mundos sociais. (BARBOSA, 2009, p. 93).

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2016) afirma que a Educação Infantil,

[...] ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (BRASIL, 2016, p. 32).

Nesta perspectiva, já se torna reconhecido o direito da criança ao acesso a escola e como dever do Estado viabilizar o ensino as mesmas, passando então a ser obrigatório para as crianças de quatro a cinco anos, relacionado a fatores imprescindíveis nesta primeira etapa da vida no ambiente escolar na primeira infância, sendo essa uma fase que deixam marcas, tanto boas quanto ruins, por isso é importante ressaltar que o centro de tudo isso deve e tem que ser a criança. Dessa forma, o documento abaixo (2013) menciona ainda que as instituições de Educação Infantil devem:

planejar e efetivar o acolhimento das crianças e de suas famílias quando do ingresso na instituição, considerando a necessária adaptação das crianças e seus responsáveis às práticas e relacionamentos que têm lugar naquele espaço, e visar o conhecimento de cada criança e de sua família pela equipe da Instituição. (BRASIL, 2013, p. 95).

Portanto, tornou-se legal e obrigatório esse acolhimento tanto do aluno quanto para as famílias, até porque não tem como falar de Educação Infantil sem essa forte ligação com os responsáveis, são crianças ainda muito pequenas, dependentes tanto

de um quanto de outro, sendo assim escola e comunidade tem que andar lado a lado e cabe a escola proporcionar esse ambiente acolhedor neste primeiro processo, com espaços de interação e socialização. Dentro dessa linha, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, declaram que o “educar exige cuidado; cuidar é educar, envolvendo acolher, ouvir, encorajar, apoiar, no sentido de desenvolver o aprendizado de pensar e agir [...]” (BRASIL, 2013, p. 20).

Dentro desta mesma perspectiva é importante destacar que o professor precisa realizar uma leitura reflexiva da sua turma, de suas respectivas crianças, peculiaridades e necessidades efetivas de cada uma. Essa análise é primordial, pois leva o educador a pensar também: afinal que espaços são esses que estamos proporcionando as crianças? Como elas estão se sentindo? Será que meu olhar está atento a tudo que está acontecendo? Quais espaços elas preferem?

Com relação à organização dos espaços internos, as salas, é fundamental partirmos do entendimento de que este espaço não pode ser visto como um pano de fundo e sim como parte integrante da ação pedagógica. Desde logo é importante ponderar que são fatores determinantes desta organização o número de crianças, a faixa etária, as características do grupo e o entendimento de que a sala de aula não é propriedade do educado e que, portanto, deverá ser pensada e organizada em parceria com o grupo de aluno e com os educadores que atuam com esse grupo de crianças. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 76).

A infância exige o brincar, o interagir, investigar e descobrir, estimular a criatividade. Ter um espaço que atenda a essas demandas e tantas outras que forem necessárias no cotidiano da escola, não é de forma alguma uma tarefa fácil, mas sim é possível. Inspirar-se nas crianças? Na natureza? Refletir a prática diariamente individual e coletivamente? Deve-se trazer significado e sentido a cada brincadeira e a cada acontecimento dentro do ambiente escolar, pois a criança precisa se reconhecer e se familiarizar dentro destes espaços para que possam desenvolver-se constantemente com estímulos e criatividade.

Conforme Fortuna:

[...] uma escola ludicamente inspirada é aquela em que as características do brincar estão presentes, influenciando no modo de ser do professor e no papel do aluno. Nessa escola, convive-se com a aleatoriedade, com o imponderável. O professor renuncia à centralização, à onisciência e ao controle onipotente e reconhece a importância de que a criança tenha uma postura ativa nas situações de aprendizagem. A espontaneidade e a criatividade são constantemente estimuladas. A visão de planejamento pedagógico também sofre uma revolução lúdica: uma ação pedagógica conscientemente criada, de caráter intencional (que vimos ser necessária para garantir que o jogo não desliza para a promoção do individualismo), mas repleta de espaços para o

inesperado, para o surgimento do que ainda não existe, do que não se sabe. (FORTUNA, 2012, p. 29).

Sendo assim, e diante de vários autores pesquisados, que chamam a atenção para inúmeras áreas sobre a Infância, sobre a Educação Infantil e seus direitos pode-se perceber que ser criança e que colaborar para que esta primeira fase se dê da forma mais adequada e ideal, requer pensar em muitas coisas, como estas que foram discutidas no decorrer deste primeiro capítulo. Não é simplesmente “largar” uma criança na escola, é pensar neste ambiente escolar, pensar em espaços que os possibilitem a irem adiante, é preservar seus direitos e fazer uso do mesmo, é planejar, sistematizar, refletir e ter em mente que o centro de uma instituição devem ser as crianças, ou seja, para elas, por elas e com elas. É claro que o educador sem dúvida possui papel essencial neste processo, é ele quem prepara o cenário e deixa para que os investigadores possam realizar suas descobertas, ele é um mediador e sua relação quando saudável com estes, as aprendizagens os avanços e a afetividade só tem a aumentar tornando um ambiente de pura vivências significativas e inesquecíveis.

5.2 RELAÇÃO DO SUJEITO COM A NATUREZA

Atualmente vivemos em uma sociedade em que o ser humano tenta transformar o meio natural em que vive e com o passar dos anos as tecnologias foram aumentando para atender as demandas da população, desenvolvendo técnicas não só para as necessidades básicas, mas também pensando em fins lucrativos, em poder e domínio em todos os aspectos. Isso gerou um impacto na natureza, essa explosão de tecnologias avançadas acabou acelerando o ritmo da vida, uma outra rotina, informação em segundos, poluição do meio ambiente prejudicando a natureza de uma maneira avassaladora e um aumento muito grande de estresse, pois tudo isso aconteceu rapidamente e todos tiveram que adaptar-se a esta transformação, junto a isto vem o aumento da insegurança nas cidades e a diminuição dos espaços de lazer, principalmente ao ar livre. Nessa perspectiva Schwartz (2006, p. 48-49) destaca:

Não é tarefa fácil entender as relações estabelecidas entre a sociedade e a natureza, uma vez que a problemática ambiental tem aumentado significativamente, devido ao deterioramento dos ecossistemas e do ambiente construído, afetando, em particular, a qualidade de vida humana e ameaçando a continuidade da vida global do planeta. As questões ambientais revelam o retrato de uma crise multidimensional, apontando a exaustão de um modelo de sociedade que produz, desproporcionalmente, mais dúvidas que respostas.

Segundo Zenon (2018) o afastamento entre o ser humano e a natureza levou a diversos outros afastamentos inclusive à desconexão de cada um com o seu eu mais profundo. Afirma que por vezes o céu e o rio se tornam estranhos no cotidiano, correndo o risco de não reconhecer o fluxo que nos liga a natureza e os benefícios e presentes por elas ofertados. A autora, em complemento ao exposto, ainda destaca que “E se não há reconhecimento, podemos sofrer um embrutecimento na nossa forma de interagir com o ambiente natural e com o nosso semelhante. Corremos o risco de agir como se a natureza fosse desvinculada de nós mesmos” (ZENON, 2018, p. 15).

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), ao mencionar sobre a relação sujeito e natureza destacam a inserção das crianças desde muito pequenas ao meio ambiente através de inúmeras atividades possibilita uma ligação e uma construção de maneira positiva entre ambas relações que na maioria das vezes está distante do cotidiano dos sujeitos. Uma vez que, as crianças gostam e precisam de desafios e ao serem convidadas a explorar este mundo natural com diversas atividades instigadoras de suas curiosidades, este meio proporciona experiências inesquecíveis que pode ser repassadas aos pais, grupos familiares, dentro da escola com a intervenção do professor e também para a comunidade onde os grupos estão inseridos.

Pensando nisso Tiriba (2018, p. 153) afirma que:

Entretanto, o desejo preserva e conspira porque é ele que assegura a integridade, que nos lança ao entrelaçamento, a conexão com outros seres, condição de nossa humana existência. É por essa razão que as crianças declaram sua preferência pelos espaços abertos, ao ar livre, em contato com natureza.

De acordo com Carvalho (2011) a visão socioambiental é orientada através de uma racionalidade complexa e interdisciplinar e traz a natureza não como algo distante que não pode ser tocada ou aproveitada mas sim um campo vasto onde a exploração e as curiosidades e descobertas são livres, acontecendo de forma natural e singela, para interações diferenciadas entre as culturas, sociedade e a base física e também biológica dos processos vitais, ou seja, essa relação se modifica dinamicamente. Nesse sentido a autora destaca,

Assim, o olhar para o socioambiental, as modificações resultantes das interação entre o seres humanos e a natureza nem sempre são nefastas; podem muitas vezes ser sustentáveis, propiciando, não raro, um aumento da

biodiversidade pelo tipo de ação humana ali exercida (CARVALHO, 2011, p. 37).

Portanto, tal relação quando transformado esse olhar, se torna uma relação de sucesso, sensação de liberdade, descobertas, superação de limites, prazer, leveza, calma mas ao mesmo tempo inúmeras novidades e aventuras, a natureza é um calmante natural e ela está ali para aquelas aventuras que geram emoções na alma, aquelas que as pessoas não estão habituadas a sentir no dia a dia, ou seja, ela é um verdadeiro refúgio para escapar das loucuras das zonas urbanas e da vida do cotidiano, desse modo é possível ocorrer uma mudança em suas ações, de modo que escolham preservar a biodiversidade, passar mais tempo ao ar livre, optando por passeios em meio a natureza, se educando ambientalmente e compartilhando essa importância.

Nesta perspectiva, Louv (2016, p. 122) considera a natureza como um “ambiente restaurador” e afirma que os pais mesmo sem evidências ou ajuda de alguma instituição perceberam as mudanças significativas e positivas em relação ao nível de estresse e de hiperatividade dos filhos quando passam um tempo ao ar livre, por esse motivo o autor comenta que que,

Estudos sugerem que a natureza pode ser útil como ferramenta terapêutica para o TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade), em paralelo com ou, quando apropriado, até substituindo medicamentos ou terapias comportamentais. (LOUV, 2016, p. 120).

O termo TDAH é recente e diagnosticado, mais comum em crianças e adolescentes umas das causas pode ser a vida corrida que os pais levam com os filhos, ou seja, passam mais tempo em locais pavimentados e assistindo televisão, o que gera um estresse uma agitação maior, com isso aumenta-se os sintomas da TDAH. De acordo com as pesquisas de Louv, o verde é essencial para a criança, ela necessita desses espaços para seu desenvolvimento.

[...] seguindo essa linha de raciocínio, muitas crianças podem se beneficiar com medicamentos, mas o verdadeiro distúrbio está menos na criança do que no ambiente imposto e artificial. Visto por este ângulo, a sociedade que desconectou as crianças da natureza com quase toda certeza está desajustada, ainda que bem-intencionada. Tirar a natureza e o brincar nela das crianças pode ser equivalente a tirar o seu oxigênio. (LOUV, 2016, p. 129).

Ao encontro do autor supracitado, Tiriba (2018) aponta que os humanos são seres da natureza, fazendo e sendo parte desta, portanto a criança tem o desejo de estar ao ar livre, de saber sobre os animais, sobre a terra, a água o que revela a

necessidade e a satisfação de estar naquele ambiente, ambiente este que é de sua origem: a natureza. Onde suas curiosidades são instigadas pela própria natureza, uma vez que são rodeados por diferentes tipos de materiais naturais, são galhos que viram “espadas ou varinhas mágicas”, folhas que viram “comidas”, conchas que viram “painéis”, entre tantos outros, tudo isso em passeios simples como ir ao parque, por exemplo.

A escola é o único espaço social que é frequentado diariamente, e durante um número significativo de horas, por adultos e crianças. É portanto, um espaço privilegiado para a instituição de práticas educativas que favoreçam a integridade de cada ser, que respeitem diferenças de classe, gênero, raça e credo e que alimentem relações fraternas entre os membros da espécie e que preservem a biodiversidade, assegurando a qualidade da vida na terra (TIRIBA, 2018, p. 184).

Nos dias de hoje as crianças são cobradas para desenvolver capacidades tecnológicas e sobre o uso dessas, desde pequenas utilizam tablets, computadores, jogos em televisão com smart, celulares, entre outros, sendo assim muitas crianças dão escolhem estar em casa acessando a internet do que fazer um passeio ao ar livre ou praticar algum tipo de esporte. Os pais preferem ver os filhos conectados ao wifi, pois não veem nenhum perigo de estarem assim, sendo que na rua estão correndo “riscos”, isso ocorre devido ao aumento da criminalidade nas cidades. Pouco se sabe sobre o grande impacto das tecnologias na saúde emocional das crianças, pois bem sabemos que esses usos são viciantes. O uso excessivo da tecnologia não só separa a natureza do sujeito mas o contato físico entre as pessoas, imagine então esse impacto em uma criança? A criança precisa da experimentação, do contato, sentir, tocar, é fundamental para o desenvolvimento e construção de novas aprendizagens, para que aconteça de forma significativa e inesquecível, mas para isso é fundamental que haja uma preocupação ambiental, uma nova visão do sujeito com a natureza.

Nesse sentido, Carvalho (2011, p. 158) alerta:

A preocupação com os problemas ambientais locais ajuda a criar esse novo espaço de relações que, sem excluir a escola, a expande e constitui uma comunidade como um novo ator nessa dinâmica, estabelecendo novos vínculos de solidariedade. Trata-se, enfim de gerar novas reciprocidades entre a escola, a comunidade e a realidade socioambiental que as envolve.

Dessa forma sendo no ambiente escolar ou não é essencial que haja uma organização comunitária, ou seja, independentemente de onde o sujeito esteja ele vai conscientizar-se ambientalmente e ter o desejo de provocar essa mudança social e natural, onde estiver, com o intuito de repassar este processo a toda a comunidade,

em mudar padrões e ações respeitando a biodiversidade e estabelecendo uma relação de reciprocidade entre ambas.

Louv (2016) faz um alerta entre a relação da criança com a natureza e afirma que um dos responsáveis por essa falta de aproximação é o medo e que a vida das crianças está cada vez mais restrita. Traz em sua obra a questão da liberdade que os pais destes tiveram quando eram jovens, mas que hoje impedem os filhos dessa liberdade que um dia foi dada a eles. Segundo ele o medo é a emoção que faz a separação da criança em desenvolvimento dos benefícios amplos e primordiais da natureza. Nesta perspectiva, Louv (2016, p. 143) destaca,

[...] e as crianças tinham uma liberdade considerável para se deslocar por conta própria, dispunham de um território relativamente vasto para percorrer, brincavam com crianças de diversas origens e faziam uso do espaço público urbano para muitas de suas atividades.

Louv (2016) considera a relação atual das crianças para com a natureza extremamente diferenciada de anos atrás pois hoje ela tem acesso facilmente a informação e contato físico em com a natureza e questões ambientais está a cada dia mais distante, ou seja, uma o que o autor quer dizer é que uma criança sabe falar sobre o aquecimento global, por exemplo, mas não conseguem reconhecer no seu cotidiano elementos ou fenômenos naturais, o que chama de TDN (transtorno de déficit da natureza), termo mais recente depois da publicação do livro *A Última Criança na Natureza* que fala sobre as muitas consequências que este afastamento causa, como já mencionado no referencial a cima, que são o estresse, ansiedade o que também as torna mais dispersas.

Tiriba (2018, p. 184) afirma que a criança longe da natureza acaba ficando “alienado da realidade natural e da realidade corporal-espiritual [...]”, de acordo com a autora a funcionalidade da escola contribui para aprofundar uma lógica que gera um desequilíbrio no plano das ecologias pessoal, social e também ambiental. Considerando essa contribuição escolar que pode e tem o dever de levar a natureza até a criança e a mesma até a natureza, dessa forma as instituições tem a oportunidade de realizar atividades ao ar livre que instigam seu potencial, exploratório e de desafios, uma vez que na primeira infância estão no auge do desenvolvimento corporal, de habilidades motoras, desenvolvendo emoções, fase da descoberta, de si mesmo, do outro e do mundo que os cerca. Nesse sentido, Schwartz (2006, p. 25) destaca que:

Diferentes perspectivas estimulam o interesse cada vez mais crescente pela vivência destas atividades ligadas à natureza. Essas formas comumente tratadas pela mídia como esportes radicais ou de aventura, reiteram um apelo para além da atividade em si, da contemplação, da fruição, mas também, com legendas subliminares que envolvem desde o colocar-se em risco para testar a própria autossuperação, até a perpetuação de padrões e modismos vigentes [...].

Portanto compreende-se que cada vez mais é possível perceber a necessidade dessas práticas de lazer e liberdade, de se pôr em risco, de sentir-se livres de tanta rotina, isso se dá em decorrência do aumento do estresse no dia a dia das famílias, é fundamental a procura por atividades fora do cotidiano, vivência de novas emoções, que possam esquecer por um momentos do tempo, de horários e do quão corrido são os dias durante o ano e durante a vida.

Nesse contexto, Louv (2016, p. 57) destaca que:

Conforme o déficit de natureza aumenta, outro campo de evidências científicas indica que a exposição direta à natureza é essencial para a saúde física e emocional. Por exemplo, novos estudos sugerem que a exposição à natureza pode reduzir os sintomas do TDAH (Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade), e melhorar as habilidades cognitivas e a resistência das crianças ao estresse e a depressão.

A exploração na natureza na vida de uma criança, bem como vimos até agora, é de suma importância, tanto para seu desenvolvimento motor quanto para o emocional e espiritual, aproveitar, parques, lagos, gramados, jardins, sítios, hortas e jardins são coisas simples, mas fonte de conhecimentos que proporcionam aprendizagens únicas. Somente a natureza pode lhes oferecer de maneira ilimitada, plena e muito divertida, principalmente se essas estiverem em companhia dos responsáveis, podendo compartilhar desse momento juntos, afinal a natureza faz bem e é considerada importante não somente para a criança, mas também para o adulto, em todos os aspectos (FREIRE, 2013; LOUV, 2016; TIRIBA, 2018; BARROS, 2018).

Contribuindo com o assunto, Freire (2013, p. 21) afirma que, [...] “é na infância e na interpretação mágica do mundo que uma autêntica consciência ecológica pode se desenvolver, baseada na força emocional que nos liga a vida. Daí a importância da educação e da criança”. A autora enfatiza em sua obra a relação que o sujeito precisa ter com a natureza, em espaços verdes e livres e diz que esse tempo que passa-se ao ar livre funciona como uma terapia, nesse caso ela explora a nomenclatura como, ecoterapia, que segundo Freire (2013), repara a separação entre a pessoa e o meio natural, auxiliando em numerosos casos de distúrbios e doenças.

Se a educação tem a função de ensinar às novas gerações aquilo que a cultura quer preservar, ensinamos para as crianças o que para nós, adultos, é valor. Portanto, ensinamos o divórcio entre os seres humanos e natureza e outros que destes são decorrentes, como os que se dão entre corpo e mente e entre a razão e emoção. Esses divórcios estão no coração do sistema capitalista, e, como veremos, no coração dos sistemas escolares. Por que ensinamos para a criança esse modo de sentir e pensar? (TIRIBA, 2018, p. 15).

Diante do exposto é necessário rever as práticas escolares, refletir sobre a realidade das creches e pré-escolas, pois hoje enfrenta-se um sistema capitalista, onde absolutamente tudo envolve fins lucrativos. Este cenário torna automaticamente o ambiente educacional impedido de viver e experimentar o que de fato é importante para uma educação de sujeitos preocupados com o planeta, de pessoas mais sensíveis e saudáveis. Um sistema egocêntrico que a educação aceitou de maneira que hoje temos uma infância cheia de problemas, como sedentarismo, estresse, ansiedade, dificuldade de concentração, habilidades e socialização.

Na mesma direção Barros (2018, p. 14) afirma que:

O distanciamento atual entre as crianças e a natureza emerge como uma importante crise do nosso tempo. Especialmente no contexto urbano independentemente do tamanho da cidade, o mundo natural tem deixado de ser visto como elemento essencial da infância. As consequências são significativas: obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, desequilíbrio emocional, baixa motricidade – falta de equilíbrio, agilidade, habilidade física – e miopia são alguns dos problemas de saúde mais evidentes causados por esse contexto. Além destas, diversas consequências menos reconhecidas também fazem parte deste cenário.

Nos últimos anos adotou-se uma maneira de viver radicalmente longe da natureza, mesmo fazendo parte dela, pois se desligar totalmente seria deixar de existir, o grande problema é que a maioria não se dá por conta, que faz-se parte deste mundo e mesmo não prestando atenção todos fazem parte deste mundo e necessitam de todos os seres vivos para viver. Residir em cidades grandes oferece várias comodidades, tudo prático e muito rápido, mas nem sempre isso é uma vantagem, uma vez que tudo isso gerou em uma nação ansiosa e depressiva e quer tudo para ontem. Grande parte de áreas verdes foram destruídas para que prédios e edifícios pudessem ser construídos, e com isso as cidades possuem menos áreas de lazer resultando em uma educação quadrada, dentro de casa e com brinquedos e brincadeiras prontas, estruturadas, pensadas e planejadas justamente para isso, deixá-los em casa assim não ‘correm riscos’. A consequência da falta deste contato com a natureza atinge principalmente as crianças pois estão cercados de concretos, asfalto, carros, poluição sonora, dentre outros, acabam crescendo sem reconhecer

uma espécie de planta ou animal, distanciando a essência da natureza na vida do sujeito. (TIRIBA, 2018; BARROS, 2018).

Conforme Barros (2018, p. 19-20):

Brincar na areia, participar de piqueniques à sombra das árvores, pendurar-se nelas, encantar-se com o canto dos pássaros ou com a beleza das flores, tomar banho de chuva, cultivar uma horta, criar uma escultura a partir de um galho e descobrir como a vida se desenvolve são experiências importantes que colocam a criança frente à beleza e ao mistério da vida. Simultaneamente, a qualidade sistêmica da natureza oferece à criança a noção de complexidade e interdependência, valores fundamentais para pensar sua ação no mundo e as próprias relações sociais, incluindo reflexões sobre o paradigma antropocêntrico. Portanto, se esses momentos não tiverem lugar na escola ou em outros territórios educativos, talvez não aconteçam na vida de grande parte das crianças, empobrecendo o repertório de experiências que elas podem (e devem) vivenciar.

A criança que tem uma relação mais próxima da natureza ela desenvolve afinidade com este meio natural, aprende a apreciar de maneira livre, zela pelo mundo que a cerca, respeita e reconhece esse lugar como seu ambiente de pertencimento, ou seja, ela vai cuidar tendo consciência desde muito pequena que é algo que também depende das suas ações, ficam mais propensas a se tornarem consumidores, pois crescem valorizando outros princípios e quando adultos provavelmente assumirão um estilo de vida mais saudável, sustentável e consciente no que tange a questão ambiental. Possibilitar esses momentos a uma criança, junto a amigos e familiares, é contribuir para a construção de um mundo cheio de desafios e aprendizagens, é dar a oportunidade de criar e descobrir infinitas curiosidades, medidas simples que podem reverter uma série de problemas na infância, evitando o crescimento de um adulto frustrado e enclausurado, evitando também o TDN (LOUV, 2016).

5.3 ESTUDOS VISITADOS QUE EXPLORARAM OS SABERES E PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: APROXIMANDO A CRIANÇA DA NATUREZA

Este subcapítulo se dedica a apresentar pesquisadores que se disponibilizaram a estudar as contribuições de práticas pedagógicas em algumas instituições brasileiras em escolas de Educação Infantil.

O estudo de Dallenogare (2019), realizado no município de Campo Bom/RS, foi aplicado em uma turma de Educação Infantil, através de entrevistas semiestruturadas e grupo focal. Ficou evidenciado nesta pesquisa que as práticas

docentes da relação criança e natureza, vem sendo repensadas através de uma nova óptica das docentes.

Dentre as entrevistas e coletas realizadas por Dallenogare (2019), a mesma pode acompanhar aulas dirigidas por duas professoras, uma licenciada em Ciências Biológicas, especialista em Educação Ambiental e em EI e outra graduada em Pedagogia. Obteve como resultado da pesquisa a importância do brincar livre, nos espaços externos, em contato com a natureza e suas contribuições para o desenvolvimento infantil e também a preocupação das mesmas em propor atividades que auxiliem a criança para que esse desenvolvimento, aconteça de maneira integral e saudável.

Contribuindo com o resultado da pesquisa Dallenogare (2019, p. 81), fomenta que:

Oportunizar uma infância com lembranças boas, principalmente as que remetem ao contato com os elementos naturais, estando ao ar livre, é essencial para as crianças, porém hoje é possível observar que muitas delas não estão desfrutando dessas experiências, tão cruciais nessa fase da vida.

Nessa linha de raciocínio, Tiriba (2018, p. 197), em sua obra, também faz algumas observações e diz “Um caminho potente é o de apostar nas escolhas das crianças, confiando que elas sabem identificar as experiências que se caracterizam como bom encontros”. Ainda reforça que elas estão interessadas em interagir com o universo que está ao seu redor, tanto quanto, ou especialmente, em espaços abertos com disposição de elementos naturais. Bem como o contato com a terra, areia, com a água e os animais, assim como, as pessoas que lhes ofereçam momentos com sorrisos e liberdade, experiências corporais, musicais e emocionais, marcando essa primeira fase da vida.

Segundo a pesquisa de Dallenogare (2019), foi constatado possíveis mudanças no comportamento das crianças quando em contato com a natureza e nos espaços abertos, as vantagens dessa conexão na primeira infância. A partir dos dados coletados no ambiente de investigação ficou nítido os benefícios que a natureza oferece, auxiliando em outros fatores, não somente comportamental, mas no desenvolvimento motor, cognitivo e emocional das crianças. Ressaltando que esse contato não é essencial apenas para a criança, mas também para todos os seres humanos, para uma vida mais saudável, desenvolvendo equilíbrio ecológico, para então despertar isso nas crianças, através de exemplos.

Gureski (2016) e Saheb (2016) utilizaram como metodologia de pesquisa uma análise qualitativa, desenvolvendo o mesmo em duas escolas, sendo uma da rede privada de ensino e outra da rede pública municipal do Estado do Paraná, ambos em Curitiba. Nesta pesquisa as autoras verificaram como a Educação Ambiental (EA) estava sendo desenvolvida pelos professores da Educação Infantil. Foi foco de pesquisa, cinco turmas da instituição pública sendo elas: Berçário (corresponde a faixa etária de 3 meses a 1 ano), Maternal I (1 a 2 anos), Maternal II (2 a 3 anos), Maternal III (3 a 4 anos), Pré (4 a 5 anos) e as profissionais atuantes em cada uma delas.

Segundo os resultados da pesquisa, as autoras perceberam que as docentes tinham uma preocupação com a EA e que ao analisar o PPP das instituições havia a mesma preocupação, porém não o suficiente para uma EA de qualidade, pois demonstraram uma visão limitada acerca do tema, com um senso comum e não satisfatório.

As autoras alertam que:

A Educação Ambiental não deve ser uma disciplina isolada, mas deve ser trabalhada paralelamente com outras disciplinas, fazendo uma ponte, uma ligação. Então, pode-se dizer que, uma disciplina em si, não daria conta de tais problematizações, da construção de valores, da politização, do trabalho reflexivo, pois este é um trabalho que vai sendo construído aos poucos, com compromisso docente e mudança de postura. (GURESKI E SAHEB, 2016, p. 19).

Partindo das considerações anteriores, cabe ressaltar que Carvalho (2011) enaltece em seu estudo que a visão socioambiental se dá através de uma racionalidade complexa e interdisciplinar. enxerga o meio ambiente como um campo de interações entre a cultura e sociedade, deve ser visto como lugar repleto de aprendizagens e possibilidades, e não como sinônimo de algo intocável. Levando em conta que a idealização de um sujeito ecológico se caracterizam em um processo amplo de transformação das relações entre o sujeito e o meio ambiente, compreendendo a importância da EA.

Portanto, constatou-se nessa busca que as instituições tanto da rede privada, quanto da rede municipal, que mesmo os professores tendo uma consciência da gravidade do assunto e de sua relevância em aderir essa nova óptica, auxiliando na formação de cidadãos ecológicos, as instituições atendem outras demandas primeiramente, pois pensam não ser sua obrigação, de forma que citam na entrevista as disciplinas as quais dizem estão dispostas e “aptas” a ensinar.

Ainda sobre Gureski, Saheb (2016) em uma outra pesquisa realizada também em Curitiba no Paraná, identificaram pontos relevantes através de entrevista e pesquisa-ação, utilizando o método qualitativo, em três turmas de pré- escola na EI.

O motivo dessa pesquisa foi para inserir a temática ambiental a nível de interdisciplinaridade nas turmas investigadas, sensibilizando os profissionais acerca da EA, promovendo práticas ambientais através da interdisciplinaridade.

Em suma, durante a entrevista e análises, pode-se perceber a consciência ambiental das professoras, e desenvolviam algumas práticas nesse sentido, visto que, os protagonistas não eram as crianças, pois não trabalhavam com o meio em que elas estavam inseridas, passando de sucinta sem os levar a se quer uma reflexão sobre o tema. Para Carvalho (2012).

A formação do indivíduo só faz sentido se pensada em relação ao mundo em que ele vive e pelo qual é responsável. Na EA esta tomada de posição de responsabilidade pelo mundo em que vivemos, incluindo aí a responsabilidade com os outros e com o ambiente (2012, p. 158).

Em síntese, foi um trabalho de grandes efeitos positivos, após uma intervenção com as docentes, havendo mudanças em suas práticas pedagógicas e pessoais, aprendendo formas adequadas de como as crianças podem aprender sobre AE. Foi efetivado a temática através de ações ambientais na instituição, como criação de hortas, floreiras e a revitalização do espaço externo, no qual as crianças puderam desfrutar e vivenciar diversas experiências. No entanto, as autoras alertam que é necessário investir em uma formação para essas profissionais e que essa vá para além da sala de aula, construindo maiores conhecimentos e ultrapassando as barreiras do tradicionalismo.

Elali (2003) focou sua pesquisa na infraestrutura de uma escola de Natal/RN. Para tais resultados utilizou diversos métodos, como vistoria técnica (levantamento e documentação arquitetônica), observação comportamental (traços e mapeamento), questionários, entrevistas e desenhos-temáticos. Constatou um afastamento da criança com a natureza, segundo Elali (2003), os espaços externos das escolas em Natal não foram pensados ou planejados para a exploração das crianças, uma vez que, nestes são escassos os recursos naturais. Percebeu-se que há necessidade de maiores vivências em ambientes abertos e em meio a natureza, uma vida mais ativa e em contato com areia, terra, água, gramas árvores, animais, dentre outros

elementos naturais que aproxime a relação entre as partes, tanto crianças, como também as professoras da instituição.

Elali (2003) concluiu que os pais e professores, no geral, possuem uma visão de natureza domesticada e controlada, mesmo alguns reconhecendo que esse contato com o meio natural é importante para a criança, continuam com o intuito de que são e podem viver separados da natureza, criando uma ideia de que apenas em alguns momentos se faz necessária essa relação, e não o tempo todo.

Elali (2003, p. 315) faz um alerta comentando que “mais uma vez, o ambiente escolar mostra-se um exemplo da diferença entre o discurso e a prática social”, e reforça sobre a conscientização desse e de outros paradoxos, para que possam trabalhar em um ideal de sustentabilidade, socioambiental, melhorando a qualidade de vida das crianças.

Os estudos de Busik; Soletti; Caon (2018), realizado em uma escola de Educação Infantil, com crianças de 3 a 6 anos, partindo da sensibilização da criança por meio da apreciação, zelo e responsabilidade com o meio ambiente. Trabalhando a reflexão a respeito do descarte imediato, o modo de vida individualista do ser humano, a utilização de recursos naturais limitados e o adensamento demográfico contribuem com a degradação do meio ambiente.

No decorrer da pesquisa das autoras ficou claro a importância de atividades ambientais na primeira etapa da educação básica, e que investir em nesse tipo de prática com crianças bem pequenas é acreditar em um futuro melhor, de seres humanos mais sensíveis e com um olhar de sustentabilidade no seu modo de vida. Destaca-se nesse ponto de vista, a grande necessidade de pesquisa que contribuam para a aprendizagem dessa faixa etária, buscando como algo primordial, uma perspectiva de Educação Ambiental e não em segundo plano.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No capítulo a seguir, serão apresentados os resultados da presente pesquisa, cujo nomes dos participantes são fictícios. O estudo que teve como principal foco a investigação da relação da criança com a natureza e os ambientes externos, tanto dentro da escola, como aos seus redores, e o que esta relação colaborara para o desenvolvimento infantil integral da criança. Também estarão presentes entrevistas semiestruturadas com a coordenadora pedagógica da escola e a titular da turma de Pré 2, a qual foi feita a observação e análise das informações obtidas.

Neste capítulo, dos resultados e discussão, os dados coletados foram organizados nas seguintes seções:

- 6.1 Como estão organizados os espaços naturais da escola?
- 6.2 Entrevista com a coordenadora pedagógica da instituição, sua trajetória profissional e sua percepção acerca do tema criança e natureza.
- 6.3 Relatos da trajetória profissional da professora entrevistada, a respeito da relação da criança com a natureza.

6.1 COMO ESTÃO ORGANIZADOS OS ESPAÇOS NATURAIS DA ESCOLA?

A escola onde foi realizada a pesquisa possui uma infraestrutura ampla, com muitos espaços naturais e ao ar livre. Disponibiliza horta, terra, flores, árvores, gramado, areia e campos ao redor da escola, que também fazem uso desses espaços para exploração e atividades. O pátio é parte da escola, visto que se torna parte do cotidiano e com isso é de extrema importância para o desenvolvimento da criança. Conforme Barbosa (2009), o pátio é o observatório da natureza, lugar de construções. Através deste, a criança fica mais próximo do mundo natural.

O pátio possui uma organização verde e natural bastante inspiradora, seguindo os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2006). Os espaços naturais abrangem mais de 50% do terreno da escola, conforme pode ser apreciado na figura 1.

Figura 1 – Espaços naturais na escola pesquisada



Fonte: a pesquisa (2019).

A instituição escolar fica localizada em uma rua sem saída, portanto ao lado desta, possui ainda uma pracinha e um espaço grande somente de árvores e duas mesas de concreto. Este espaço é cercado de muita natureza, não pega sol, então em dias muito quentes é usado para diversas atividades, mas na maioria das vezes é utilizado para exploração das crianças, visto que ali encontra-se também espécies de animais e vegetais.

Figura 2 – Espaços naturais da escola pesquisada



Fonte: a pesquisa (2019).

Ainda sobre a estrutura da instituição, a escola conta com uma praçinha grande com árvores e taquaireiras, pés de goiaba e laranjeiras, que todos acabam usufruindo quando na época. No pátio existe também um espaço que as crianças chamam de “casa da árvore”, por estar em um local natural e perto de árvores, é o único brinquedo existente neste espaço, possui gramado e algumas partes barro pois é uma parte mais úmida, perto deste ficam algumas plantações que são cuidadas pelos próprios alunos.

Figura 3 – Espaços naturais da escola pesquisada



Fonte: a pesquisa (2019).

Figura 4 – Espaços naturais na escola pesquisada, horta sustentável



Fonte: a pesquisa (2019).

É importante destacar que para o cuidado das plantas, a escola possui uma cisterna, que é responsabilidade das crianças a manutenção da mesma. Tornando

esse momento significativo e dando valor a esses espaços de sustentabilidade e preservação, assim, desde cedo a criança vai se sentir pertencente do meio onde está, ou seja, parte da natureza e de seus ciclos.

Constatou-se a partir das observações na escola que a cisterna é muito explorada pelas professoras no planejamento didático-pedagógico. Pois é notório que, as crianças necessitam dessa vivência, para uma maior compreensão das coisas essenciais da vida. Através da construção da cisterna, a criança passa a entender com mais clareza, que a água da chuva pode ser reutilizada para a sobrevivência das plantas economizando a água que sai da nossa torneira, especificando que esta água é tão limpa quanto.

Figura 5 – Espaços naturais na escola pesquisada, cisternas



Fonte: a pesquisa (2019).

Destaca-se que estes lugares foram pensados e planejados para a interação das crianças com a natureza, almejando desenvolver a autonomia e suas aprendizagens, descobertas, ampliando seus repertórios de conhecimento e criatividade, possibilitando a eles, liberdade para pesquisas e suas curiosidades em geral.

6.2 ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA: O DESEMPAREDAMENTO DAS CRIANÇAS

Participou da presente pesquisa a coordenadora da escola, que terá um nome fictício de Maria. Ela tem 38 anos, reside no município de Campo Bom/RS, é graduada em Pedagogia (Licenciatura), com especialização em Psicomotricidade na área da EI.

Durante a entrevista relatou que sempre trabalhou na área da educação, com diversas faixas etárias. Realizou estágios no decorrer da sua graduação, e atua como docente há 13 anos e no município de Campo Bom há 10 anos. Sempre na docência na EI, mas atualmente está na gestão educacional, como coordenadora pedagógica, no período de 40 horas semanais.

É importante destacar também que Maria participou de seminários, palestras e oficinas sobre questões ambientais, em Campo Bom/RS e no município de Novo Hamburgo/RS, como por exemplo da Organização Mundial para Educação Pré-Escolar (OMEP), uma vez que percebe-se em sua fala ter grande apressamento por esta temática e enfatiza que é um assunto que sempre está passando ao corpo docente, a importância de abordar frequentemente no cotidiano da escola.

[...] é um assunto que faz refletir muito sobre minha prática, como professora e coordenadora estou sempre buscando novos conhecimentos que acolhem a criança de hoje, e penso que esse tempo em meio a natureza a espaços abertos fazem muito bem para eles, depois de tantas leituras que fiz realizei em cima deste tema tive a certeza que é cada vez mais gritante essa necessidade e é nosso dever propiciar esses momentos para eles, de alegrias[...]

Acerca dos cursos de formação continuada, Maria destacou o evento do seminário de educação, realizado pelo município de Campo Bom/RS, no qual teve a oportunidade de estar próxima a autora Léa Tiriba (referência na área de Educação Ambiental). Neste momento, Maria enfatizou as contribuições de Tiriba para o tema “relação criança-natureza”, “são leituras que me inspiram muito” (MARIA). A coordenadora declarou ainda que, a escola está em uma caminhada com projetos pedagógicos em torno do brincar na natureza há algum tempo e que sim todos os docentes vêm colocando essa proposta em prática.

Nesse sentido Gureski e Saheb (2016, p. 93) fazem um alerta sobre a EA:

[...]acredita-se que existe um longo caminho a seguir na formação inicial e continuada de professores que acolha os princípios da EA para que se contribua para a construção de um pensamento baseado no diálogo e nas inter-relações existentes entre a humanidade e o ambiente[...].

Ao ser questionada sobre a importância do contato com a natureza para o desenvolvimento infantil, Maria destacou que:

É o contato com os seres vivo, com sensações reais, que favorecem a criança a conhecer o mundo e se conhecer nele, até para valorizar, ela precisa se sentir pertencente, para que aprenda a cuidar, preservar e conservar este espaço, sem esta vivência não tem como cobrar deste um cuidado, pois se para a criança jogar um papel no chão é tão comum, é por que nós adultos estamos fazendo algo errado (MARIA).

Dallenogare (2019, p. 83) enfatiza que “[...] é imprescindível observar o desejo dos escolares com relação aos espaços naturais, solicitando o auxílio das crianças, pois, desse modo, se sentirão pertencentes ao meio em que estão inseridos[...]”. Nesse ponto de vista fica claro que o espaço físico dos ambientes torna-se um elemento indispensável para o desenvolvimento e aprendizagem do educando na EI e deve ser um lugar prazeroso e acolhedor para as crianças.

Outro fator que a coordenadora ressalta é sobre a infraestrutura da escola onde atua profissionalmente, o pátio e os espaços verdes da escola, “nossa escola é rica em natureza e possui muitos espaços que eles podem explorar” (Maria). Descreveu também que possui diversas árvores, flores, gramíneas, areia e que mesmo que não esteja prevista a exploração da área externa no planejamento, os professores têm total liberdade de usá-los e que podem combinar entre si quando e quem vai usufruir. Maiores detalhamentos sobre a infraestrutura da escola participante do estudo estão expressos no tópico 6.1.

Ainda sobre a infraestrutura, a coordenadora foi questionada sobre as estratégias aplicadas nesses espaços, segundo ela são utilizados de diversas maneiras, algumas para atividade dirigida, onde levam brinquedos para brincar ao ar livre, lancham debaixo das árvores, mas em geral é para exploração de vários elementos naturais, oferecendo e favorecendo um brincar mais livre com a liberdade de descobertas. Nesse cenário, Maria salienta que:

[...] é necessário haver uma cumplicidade entre a criança e o adulto para que esta possa sujar-se sem receio, sem riscos, enfatizando isso aos pais também, que estes momentos são essenciais para os pequenos e fazemos isso de maneira diversificada para que não possamos usufruir sem destruí-la[...].

A coordenadora ainda ressalta que no pátio tudo é possível, por ser mais rico que a sala de aula convencional, pois em na sua percepção as próprias paredes da sala limitam os as crianças e sua criatividade “[...] o próprio vento, o próprio ar, os cheiros, isso tudo propicia, não ter as paredes que limitam a imaginação, e ao livre o calor do sol, a sombra, tudo propicia para um brincar livre, flui, é uma liberdade,[...]”, ressalta que mesmo estando cercado por grades no pátio, as descobertas e

envolvimento que os alunos tem são amplos e de um encantamento diferente, onde podem escolher ser o que desejarem ser.

Contribuindo com o assunto, Louv (2016, p. 234) traz:

Ver essas coisas é apenas parte de aprender sobre elas. Tocar, saborear, cheirar e arrancar também são vitais. Arbustos e árvores para escalar são o máximo...Dentro de um perímetro seguro ao redor da área escolar ao ar livre para jogos e brincadeiras, as crianças também precisam dos espaços particulares, arbustos, grama alta um monte pedras. Um círculo de pinheiros com um metro e oitenta de altura é praticamente uma floresta para as crianças pequenas.

Em relação a intervenção durante o brincar na natureza, Maria comenta que a escola está buscando através de pesquisas, como se dá essa interferência (intervenção pedagógica), adequada para que não venha a interromper o momento do brincar. Considera necessário uma observação e um olhar sensível quanto a isso, pois deve ser feita de maneira que não atrapalhe aquele raciocínio que a criança possa estar tendo naquele momento, mas enfatiza que é um processo de uma longa caminhada que já está sendo feita, porém exige cautela, pois diz que ainda é algo muito novo,

[...] devemos se despir de alguns conceitos para olhar o brincar da criança, pois não temos mais este olhar inocente, olhamos como adultos, o que para nós é algo simples para eles é complexo e olhar de sensibilidade é fundamental e não só analisar [...].

As brincadeiras acontecem no pátio geralmente em grande grupo, mas pode acontecer, dependendo da proposta, de serem divididos em grupos menores. Mas em grande parte esse brincar acontece de forma livre, sem direcionamento dos docentes. Fala que este é um momento de observação, até para poder ver o que estão construindo e de que maneira, uma vez que a intenção do pátio é justamente o da liberdade.

Na mesma linha Freire (2013, p. 57) afirma:

No entanto basta observar, sem preconceitos, as brincadeiras das crianças para dar-nos conta de toda a sabedoria que elas encerram do modo como respondem da maneira correta às necessidades, da forma como aprendem milhares de coisas por meio delas. Então qual pode ser nosso o papel como adultos?

As crianças têm o dia todo para usufruir destes espaços, porém a rotina da escola deve ser seguida, como as questões do horário do almoço, café da manhã e lanches. Existe um cronograma para explorar o pátio que segundo a entrevistada não

impede que haja trocas entre os professores ou parcerias, visto que possuem autonomia para isso, lembrando que os arredores da escola podem ser usados sempre que desejarem já que são rodeados de verde também, desataca que há um grande incentivo por parte da escola para que executem essas práticas em meio a natureza. Tais propostas podem ser realizadas nos espaços externos da instituição, que ficam bem próximos, sem problema algum.

Nesse sentido, é relevante enfatizar a participação da coordenadora em palestras e formação continuada sobre a importância da natureza para o desenvolvimento infantil. Destacou suas últimas participações que foi com a Lea Tiriba, referência nacional em pesquisas relacionadas a criança e natureza. Aponta que Tiriba traz uma proposta pedagógica que a escola está buscando, que é a questão do desemparedamento da criança, do brincar livre, ao ar livre, aproximando-se da natureza, dos ciclos, da vida. A coordenadora salienta que a autora supracitada busca compreender esse brincar e sugere maneiras de como intervir nessa perspectiva, sem prejudicar essa essência, sem atrapalhar esse raciocínio da criança.

Na concepção de Maria é de extrema importância possibilitar momentos usando recursos naturais, oferecidos pela própria natureza, que enriquecem a aprendizagem. Numa perspectiva do brincar livre, oportunizando a desconstrução. Nesta óptica, Maria enaltece que:

[...] é preciso que a criança compreenda que a vida é um ciclo, de seres vivos, que devemos respeitar este ciclo. Não podemos arrancar as coisas que são elementos da natureza, isso é legal levar para eles, precisam respeitar e saber que se as folhas estão no chão é por que é momento delas caírem e as que não estão eu não podemos arrancar e que logos irão nascer outras, isso é autoconhecimento comparando com a nossa vida, também é um ciclo, somos fases[...]

Segundo Freire (2013) o vínculo com a natureza acontece ao longo da vida, porém é na primeira infância (mais ou menos até os 7 anos), a infância (de 7 a 11 anos) que se pode considerar etapas cruciais. É dentro deste tempo que caracterizam desenvolvimentos e descobertas específicas que determinam os padrões de relacionamento entre a criança e o mundo que a cerca. Por isso a importância desse brincar livre em meio a ambientes naturais já que desde cedo, a natureza assim como seu lar, é o centro que a rodeia, uma vez que mesmo dentro de casa ela percebe insetos como, moscas, formigas, lagartas, besouros, entre outros insetos pequenos. Dessa forma, vai ampliando geograficamente seus interesses, que devem ser correspondidos através e de acordo com suas curiosidades, no brincar livremente.

A respeito dos avanços das tecnologias nos dias de hoje, Maria salienta que é complicado porque muitas pessoas residem em apartamento, trabalham muito e tem uma vida corrida, o que acaba não sobrando tempo para ficarem com filhos e o resultado é televisão e jogos tecnológicos. Mas destaca, “[...] percebo que esse tempo, esta discussão atual nas escolas entre o envolvimento da criança com a natureza, tem gerado uma reflexão nos pais[...]”.

Por fim, a coordenadora salienta que alguns pais não demonstram satisfação ao verem os filhos “sujos”, que isso os incomoda ainda, mesmo que a equipe gestora e professores sempre estejam ressaltando em reuniões e comunicando as atividades pedagógicas através de bilhetes. Mas diz que já enxerga uma evolução nesse sentido, comparado há alguns anos atrás, alguns pais já conseguem ter esse olhar sensível a natureza, de que o filho, a criança, precisa sair do casulo, se sujar e brincar ao ar livre para o seu pleno desenvolvimento. Para tanto, Maria alerta:

[...] a gente tem que ter um cuidado, de ter isso bem embasado, saber o que falando ou repassando. Vejo hoje muitos fazendo por modismo: ah está todo mundo fazendo então vou fazer também. Esse conhecimento que vamos passar para as crianças e para os pais precisa ter um fundamento, sentido, e só alcançamos isso se nos apropriarmos teoricamente e claro, na prática, para futuramente vermos os resultados positivos desta caminhada, muito importante isso [...]

Diante do exposto até agora, Carvalho (2011) comenta sobre a formação de um novo sujeito, o “ecológico”, que evidencia não somente um modo individual de ser, mas sobretudo, a possibilidade de um mundo diferente. Ainda reforça que a EA tem como objetivo melhores condições de vida e dentro disso busca aprimorar ações ambientais nas comunidades e nos grupos, levando em consideração as práticas culturais dos locais de manejo do ambiente.

A Educação Ambiental (EA) precisa estar presente nas escolas, na vida do sujeito desde muito cedo, precisa ter atitudes diárias, que estimulem esse cuidado com a natureza e os ecossistemas. Uma sensibilidade deve ser desenvolvida, uma vez que, ninguém cuida do que não conhece, imagina então preservar algo sem conhecer. Portanto, a EA oferece um ambiente de inúmeras possibilidades de aprendizagens, tanto social quanto para a formação individual no sentido mais intenso da experiência de aprender. Sendo assim, a EA proporciona muito mais do que apenas passar conteúdos, mas gera um processo de formação humana, se adequando a novos modos de ser, ter, de compreender, e mais que isso, posiciona-

se de maneira desafiadora, a si mesmo, diante do outro e do mundo, enfrentando as dificuldades e as instabilidades do tempo que vive-se hoje (CARVALHO, 2011).

6.3 ENTREVISTA COM A PROFESSORA TITULAR DA TURMA: AS INTERFACES DO CONTATO SIGNIFICATIVO COM O MEIO NATURAL

Nesta parte, será exibida a entrevista com a professora titular da turma faixa etária 5 e 6 da escola investigada. Sua identidade será preservada, optou-se por utilizar o nome fictício Bela. Ela tem 37 anos e reside no município de Campo Bom/RS. Quanto à sua graduação, concluiu o curso a Nível Médio Magistério, é graduada em Educação Física, e sua especialização é em psicomotricidade.

Já atua no município desde 2011, ou seja, há seis anos, porém trabalha no âmbito educacional há 14 anos, tendo uma carga horária semanal de 40 horas, sendo que, dentro dessas 40 horas, 8 são destinadas ao planejamento pedagógico, ocorrendo uma semana presencialmente e na outra à distância.

Bela destaca que já participou de alguns cursos e palestras referente à Educação Ambiental, porém a maioria oferecidos pelo município, mas realizou um curso de extensão, intitulado “A educação ambiental e o currículo escolar” na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no ano de 2015.

A professora enfatiza que para o desenvolvimento integral da criança, é de suma importância que esta tenha contatos significativos com o meio ambiente,

Não me refiro àqueles passeios em cima de calçadas ou aquelas folhinhas que são inseridas no ambiente da sala de aula, estou falando de andar de pés descalços, inclusive na lama; subir em árvores; observar insetos; plantar, regar e colher, etc. (BELA).

No que tange a exploração de recursos naturais, Mendonça (2015, p. 31) reforça que “[...] sair da sala de aula para dar aulas da mesma forma que entre quatro paredes é o mesmo que ficar em uma piscina como se estivesse em uma banheira[...]”. Sendo assim, essa ideia vai bem ao encontro da concepção de Bela, como visto em sua fala acima sobre as vivências e experiências significativas para a criança, que devem ser intensas e verdadeiras.

Bela ainda comenta que nos dias atuais em que a maioria das famílias vivem em apartamentos, as crianças estão reclusas, sendo incentivadas a brincar somente com o recursos lúdicos estruturados, com telas de proteção, e assim, diante destas

imposições, se faz cada vez mais necessário esse contato no ambiente escolar, pois é ali que elas passam a maior parte do tempo.

Devido às especificidades do mundo moderno, tem ocorrido um distanciamento das crianças perante os recursos naturais. Louv (2016) atenta para a falta desse contato e diz que houve uma abrupta mudança em um intervalo de poucas décadas, uma inversão, uma vez que hoje as crianças têm noção das ameaças globais ao meio ambiente, em contrapartida, o contato físico e sua intimidade com a natureza estão diminuindo.

Sobre a infraestrutura da instituição educacional, a docente afirma “A escola onde atuo é privilegiada, com espaços naturais!”, e cita os lugares externos da instituição, que conta com as opções de pracinhas arborizadas dentro e do lado externo da instituição escolar onde também existem espaços planos e barrancos com gramado em que podem ser explorados por toda a criança. A professora argumenta ainda que, costuma utilizar estes espaços da melhor forma possível, desde as brincadeiras livres, como também as atividades dirigidas. “Gosto de levar para o ambiente externo toda e qualquer atividade que lá possa ser desenvolvida, como por exemplo pinturas, recreação e hora do conto” (BELA).

Quando questionada sobre a diferença de comportamentos dentro e fora da sala, ou em meio a natureza, aponta que a turma de alunos a qual trabalha é bastante peculiar, são muitos meninos e alguns deles bem agitados, inclusive com investigações de hiperatividade, crises de raiva e déficit de atenção. Então, ressalta que são nítidas as mudanças de comportamentos do ambiente fechado para o ambiente natural. Bela continua:

Nesta época de inverno que também foi mais chuvosa, os dias que não é possível brincar ao ar livre são os que passam mais devagar e os que tem mais incidência de conflitos. Também percebo diferença no sono, quando brincamos nos espaços externos a hora do soninho é tranquila, logo relaxam e adormecem, diferentemente dos dias reclusos.

Conforme Louv (2016) a natureza pode ser uma ótima ferramenta como terapia nos casos de TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade) e também problemas comportamentais, podendo substituir até mesmo medicamentos. O pesquisador recomenda que haja mais momentos com experiência na natureza, em especial lugares que sejam ricos em áreas verdes, reforça que esses ambientes minimizam sintomas e oferecem suporte para a função da atenção. Para contribuir

com Freire (2013, p. 27) sobre o TDAH, Louv (2016), traz dados em sua pesquisa nesse mesmo sentido,

O TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade), por exemplo, que muitos especialistas consideram um distúrbio orgânico associado a deficiências na morfologia do cérebro infantil e que, curiosamente, afeta principalmente os homens (cerca de 90%), foi relacionando em repetidas ocasiões com um excesso de horas diante da televisão e responde de uma maneira muito positiva a terapias com a natureza. Inversamente é provável que os seus sintomas se agravem por causa dessa carência.

A professora defende que a partir das vivências observadas no cotidiano escolar, pode-se afirmar que as brincadeiras ao ar livre são em sua maioria esmagadora, em grupos, e na sua visão [...] “o próprio ambiente natural acaba por fomentar nas crianças o seu lado social também. Salvo apenas aquelas exceções do espectro autista, os demais sempre brincam em grupo” [...].

Em relação sua a intervenção ou mediação pedagógica durante o brincar na natureza, ela declara que, as crianças são pesquisadoras natas, tudo o que observam querem saber mais, investigam, questionam, comparam. Durante a entrevista, Bela descreve a uma experiência que tiveram em uma aula no pátio e conta que:

No início do ano meus alunos estavam brincando na pracinha da escola onde também há um taquaral, logo iniciou-se um debate sobre os motivos de uma taquara ser verde e a outra alaranjada: “será que está morta?” um perguntou, outro concordou: “- Sim! Se está verde é porque está viva, e se está laranja já morreu” Outro ainda comentou: “Eu fui com meu pai lá em Taquara comprar ração para o cavalo.

A docente destaca que aproveitou este diálogo para interagir, chamou toda a turma para opinar e deste momento surgiu o tema do projeto de trabalho, que vem norteando muitas descobertas, experiências e constatações dos escolares. Comenta que fizeram inclusive passeios até o Centro de Educação Ambiental Nestor Weiler (CEMEA) – que é um espaço que o município oferece como suporte para pesquisa e também ao parcão da cidade [...] Em outros momentos, como hora do conto ou exploração do barranco, eu mesmo faço a proposta [...] (BELA). Corroborando com o que entrevistada destaca, Horn (2004, p. 17) evidencia que as crianças,

[...] necessitam de espaço para exercerem sua criatividade e para contestarem o que desaprovam. Ao mesmo tempo, é necessário ter a clareza de que nos primeiros anos de vida, o indivíduo apresenta reações descontínuas e esporádicas que precisam ser complementadas e interpretadas.

A partir dos questionamentos levantados, a docente comentou que nunca tinha parado para pensar em algumas questões, e no momento em que começou a responder é que se deu conta de alguns detalhes relacionados ao tempo que os estudantes passam nos espaços naturais da escola ou nos arredores da estrutura edificada. Bela acessou o cronograma estabelecido pela instituição durante a entrevista, após ser questionada por algo que a inquietou, e disse que ficou surpresa ao fazer esta análise. Continuou sua fala enfatizando que tem o hábito de realizar muitas atividades, e que existem possibilidades de ser realizada também externamente. Fez uma reflexão no momento e explanou:

Veja bem: A escola inicia a acolhida muito cedo, 06:30 já temos crianças chegando e algumas destas crianças só vão para casa por volta das 18:00 horas. Se analisarmos as horas diárias multiplicando com os dias úteis, são cerca de 60 horas dentro do ambiente escolar. Destes, segundo o cronograma (para minha turma - Pré2), apenas 7 horas são dedicadas aos espaços externos. Ou seja, pouco mais de 10% do tempo seria destinado para atividades ao ar livre. Sendo que destas 7 horas, 2 são para a caixa de areia e já é sabido que a turma não permanece 2 horas neste espaço, pois torna-se tedioso (talvez por ser num ambiente cercado).

Portanto, Bela considera esse tempo insuficiente, ainda mais se analisar também as condições climáticas, pois nem sempre o tempo colabora, quando isso acontece tenta ir para área coberta da escola, salienta que é acimentada e fechada mas tem um espaço amplo, e podem ficar mais livres do que dentro da sala de aula.

Na mesma direção, Tiriba (2018), relata em sua obra justamente sobre esta questão, dando ênfase que, em apenas três das 40 unidades pesquisadas, no Estado de Santa Catarina, as crianças permanecem mais de quatro horas diárias fora da sala de aula, ou fora das paredes e tetos da escola. No entanto, a pesquisadora ainda reforça que 11 dessas instituições, podem ter um horário ainda menor do que uma hora diária, uma vez que conforme relatos das docentes em seu estudo, se o clima (tempo) não colaborar não existe hipótese de saírem para o pátio e outras docentes mencionaram a questão da rotina da escola por ser bem rigorosa.

É oportuno comentar que a professora Bela atua como docente há bastante tempo e no município está há 5 anos, já participou de palestras, seminários, oficinas e também de formação continuada, com temas voltados para a educação ambiental, com enfoque no estreitamento dos laços entre criança e natureza, inclusive, teve a oportunidade de prestigiar uma palestra da pesquisadora Lea Tiriba em um desses eventos, referência nacional neste recorte temático.

A educadora argumenta que para possibilitar momentos de aprendizagens com elementos da natureza, tem que haver uma proposta engajada nesta perspectiva e não ser algo “solto” no planejamento. Neste momento, cita o projeto sobre as taquaras, e diz que utilizou um recurso que foi as jangadas produzidas com galhos das taquaras para brincar nas poças de água que se acumularam na pracinha após a chuva. Comenta que neste caso havia uma intenção de uso do recurso, e enfatiza que depende da intencionalidade da proposta e não considera importante realizar uma pintura utilizando pinceis naturais, por exemplo, sem nenhuma outra intenção atrelada a isso. No entanto, comenta que questiona a ela mesma: [...] qual meu objetivo quando trago para o centro da rodinha pedaços de tronco de árvores e sementes [...]?

[...] numa proposta que tem uma significação para turma, acho muito válido. Dentro do projeto sobre as taquaras, utilizei um recurso que foi as jangadas produzidas com galhos das taquaras para brincar nas poças de água que se acumularam na pracinha após a chuva. Nesta proposta havia uma intenção de uso do recurso, aí sim percebo importância [...].

Na mesma linha de raciocínio, Carvalho (2011) enfatiza que “[...] na perspectiva de uma aprendizagem significativa, a intencionalidade pedagógica está na construção de novos sentidos e nexos para a vida”, e desataca que as atividades, experiências e modos de fazer, sejam parte de um processo de formação de atitudes. Partindo deste pressuposto, a autora Horn (2017, p. 87) descreve,

[...] é primordial organizarmos contextos significativos para as crianças também nos espaços externos, onde elas possam colocar-se em relação umas com as outras e sintam-se desafiadas a interagir com diferentes materiais, legitimando o princípio de que todos os espaços são potencialmente promotores da brincadeira e da interação. Muitas das atividades propostas para serem realizadas nas salas de referência podem e devem ser realizadas nos pátios e demais espaços externos. Por que não contar histórias à sombra de árvores ou ramadas? Por que não realizar com diferentes materiais construções que agreguem o uso da terra e da água? Por que não desenhar, pintar e colar ao ar livre, inspirando-se na própria natureza?

Na sequência, a docente foi questionada sobre os avanços das tecnologias, e se a mesma favorece um distanciamento da relação entre a criança e natureza, Bela diz que, esse movimento ocorre sempre, “[...] é algo inerente ao ser humano, em especial às crianças [...]”.

Nesse contexto Tiriba (2018, p. 189) destaca, “[...] sendo os humanos seres da natureza, o desejo de estar ao ar livre, o interesse das crianças pelos animais, pela água, pela terra, revelaria a necessidade e a satisfação de estar no lugar que lhes é

de origem: a natureza”. Porém, a educadora Bela também destaca um entrave para a oferta do brincar na natureza, a questão familiar e menciona que ocorrem algumas situações, relata que uma mãe recomenda ao seu filho que não se suje, que não suje aquela roupa, que não deve molhar-se, pois pode ficar doente, ou pegar alguma bactéria da terra, da sujeira.

Então, Bela salienta que infelizmente nestes casos, dos pais protetores ao extremo, ou simplesmente por não gostarem da sujeira mesmo, sente que esta criança fica retraída, insegura, e por isso não se sente à vontade como as demais, pois já fala “Profe, minha mãe disse que não posso me sujar”. Ela até quer participar, mas sente medo de ser repreendida em casa e aí acaba não aproveitando tanto quanto às outras, o que resulta em um número menor de descobertas, aprendizagens e interações sujeito-ambiente.

Nesse sentido, Louv (2016, p. 77) revela que,

[...] incontáveis comunidades têm praticamente banido o brincar não estruturado ao ar livre descalços, muitas vezes por causa da ameaça de processos, mas também por causa de uma obsessão cada vez maior com a ordem. Muitos pais e filhos agora acreditam que brincar fora de casa é ilícito [...].

Dessa forma, nota-se um desencorajamento de ambas as partes, uma vez que o pais passam essa insegurança para os filhos, o que já tornou-se cultural, pois vive-se hoje, de fato, um aumento assustador da criminalidade nas regiões urbanas. Portanto, isso tem feito com que o número de crianças que ainda tem essa liberdade, diminua bastante, trazendo consigo diversos tipos de problemas emocionais e físicos, como já supracitado anteriormente neste estudo.

A Prof^a Bela destacou algumas contribuições do brincar na natureza, as quais foram as mais diversificadas, devido a sua ampla trajetória profissional, desta forma, optou-se por categorizá-las, segundo Bardin (2010). As considerações trazidas pela professora estão apresentadas no quadro 1.

Quadro 1 - Contribuições da aproximação criança-natureza na concepção da professora Bela

Categoria Primária	Categoria Secundária
Incentivo a criatividade artística.	Pinturas com pincéis naturais, utilizando outros recursos naturais como troncos de árvores e folhas.

Categoria Primária	Categoria Secundária
Ameniza sintomas relacionados a hiperatividade.	A partir do brincar livre, alunos hiperativos se tranquilizam e conseguem interagir mais com os colegas de forma saudável.
Favorece práticas pedagógicas investigativas.	Através das observações, registros e escuta, surgem projetos e planejamentos favorecendo, desse modo, práticas a serem investigadas segundo o interesse das crianças.
Contribui para a socialização e a formação do cidadão.	O próprio ambiente natural acaba por fomentar nas crianças o seu lado social, sendo que a maioria das atividades que acontecem ao ar livre são em grupo e por vezes “esmagadoras”.

Fonte: a pesquisa (2019).

Pode-se observar no quadro 1, que a professora Bela trouxe contribuições significativas da relação criança-natureza, atribuindo extrema relevância do contato direto com a natureza, para a formação do sujeito na primeira infância. A docente destacou pontos fundamentais dessa relação, do brincar ao ar livre e da importância que este tem para o desenvolvimento integral da criança, considerando os interesses dos mesmos, através da escuta e observação.

Primeiramente a docente Bela apresentou que esses espaços, incentivam e possibilitam a criatividade artística com exploração de pincéis naturais, utilizando também outros elementos da natureza a serem manuseados de maneira livre. Esta concepção vai de encontro com a óptica de Piorski (2016, p. 21),

Cabe ainda retomar à temática do brincar sem apetrechos, das mãos nuas. No fenômeno corporal, a mão da criança é o cérebro dos brinquedos da terra. Logo, tão significativo se faz auscultar os sonhos lentos do tato, a personalidade dos dedos, o almejo das unhas, pois as mãos, sem os apetrechos, os extensores e as ferramentas, são talvez o mais sincero e desnudado auscultar imaginário da criança materialista.

Nesta mesma linha de pensamento, Freire (2013, p. 52) corrobora que, “Foi comprovado que, nos espaços verdes, as crianças desenvolvem brincadeiras mais criativas, com um significado cultural e mítico, que envolvem aspectos emocionais e pessoais”.

Madeira; Wanner (2017, p. 168, comentam que “[...] além de serem significativos e construtivos esses momentos ao ar livre em contato com o meio natural, eles também auxiliam na criação, imaginação, observação, levantamento de hipóteses, constatações, agregando sensações e sentimentos[...]”.

Bem como visto, a natureza propicia um ambiente cheio de aprendizagens, onde a imaginação e a criatividade não têm limites se tornando vivências inesquecíveis, e despertando desejos e curiosidades.

Por isso é tão importante trabalhar com as crianças fora da sala de aula. Levá-los para aprendizagens ao ar livre é resgatar os aspectos essenciais da inteligência humana e colocá-los à disposição da evolução da vida. Ao mesmo tempo, proporciona a professores, educadores e pais, momentos prazerosos de intenso estímulo sensorial, quando todos participam como seres integrais com o que têm de melhor. Nessas situações, professores, alunos e pais se tornam aprendizes e podem melhorar e aprofundar suas relações pessoais. Os padrões pré-estabelecidos se flexibilizam e todos caminham juntos com confiança e afeto. (MENDONÇA, 2012, p. 23).

Indo ao encontro das ideias de Louv (2016), a professora relatou a diferença de comportamento de todas das crianças, mas em especial há aquelas que ainda estão sendo diagnosticadas com hiperatividade. Ressaltando que através do brincar ao ar livre, as crianças hiperativas se tranquilizam, amenizando os sintomas. Nesse sentido, Freire (2013) enfatiza que por meio desta relação direta e diária com as árvores, os animais e as plantas, as crianças aprendem a relaxar, a utilizar o espaço, a lidar melhor com os seus anseios, aprendendo também a se relacionar com o mundo, e com isso passa a ser mais responsáveis pelos resultados de suas ações. Freire (2013, p. 44-45) ainda destaca que “Eles desenvolvem maior conexão consigo mesmos e passam a compreender melhor a si mesmos, descobrir as coisas de que gostam, as que são importantes... ao mesmo tempo que criam um sentimento de entrosamento e segurança no mundo”.

Desse modo, encontramos entre as categorias supracitadas (quadro 1), o favorecimento das práticas pedagógicas através de um olhar sensível para os alunos, a importância de aprender a escutá-los, uma vez que, torna-se indispensável essa atenção, principalmente da EI, considerando é possível perceber muitas ações e interesses através do brincar. Nesta mesma direção, Barros (2018, p. 40) evidencia que:

Devemos ouvir o que as crianças têm a dizer sobre os espaços escolares e procurar incorporar seus desejos e suas percepções, qualificando-os e tornando-os melhores para elas e para os demais membros da comunidade escolar. Nesse caminho, os pátios e toda a escola podem ser espaços de alegria, que instigam a descoberta e a experimentação e propiciam a construção de conhecimentos e o desenvolvimento humano.

Portanto torna-se essencial disponibilizar às crianças a oportunidade de usufruir destes espaços, para além da sala de aula, com enfoque na riqueza de

biodiversidade, de maneira que chame a atenção deles, favorecendo ambientes de liberdade para novas descobertas e construções, um espaço convidativo e aconchegante. Conforme Mendonça (2012, p. 33),

Todos podemos reconhecer o que é o nosso ambiente interno e o externo. Um está dialogando com o outro o tempo todo. Quanto mais diversificado o ambiente externo, mais oportunidades cada um terá de criar um rico ambiente interno. As salas de aula estimulam o plano mental. O ambiente ao ar livre estimula o ser integral, com o corpo, sentidos, sentimentos em equilíbrio com o plano mental.

Levando em consideração a importância de todos os espaços, em especial os externos, fica nítido que cada ambiente tem seu peso e seu papel para o desenvolvimento integral ou parcial da criança. De acordo com Tiriba (2005), as crianças são fascinadas pelos espaços externos pois passa à eles uma sensação de liberdade, um lugar de riquezas naturais, sem limitações e barreiras, estão livres para brincar, somente com a observação do professor.

Outra atribuição apresentada no quadro, mencionada pela docente Bela, se refere a socialização que o próprio ambiente natural acaba por fomentar, incentivando o lado social das crianças, sendo que esses momentos geralmente acontecem em grupos, escolhidos por eles mesmos, de acordo com as afinidades. Corroborando com esta ideia desataca-se as contribuições de Carvalho e Guimarães (2006, p. 54):

Pensar a criança pequena como sujeito sociocultural significa compreender que a construção do conhecimento far-se-á através do encontro com o outro: o adulto, as crianças, os livros, os filmes, a observação do mundo real etc. Aprende-se a partir do que o grupo já sabe, na tomada de decisões, na convivência diária, nas discussões, na participação dos ritos próprios da cultura, na capacidade de utilizar, criativamente, os recursos disponíveis na construção de relações. Aprende-se através de uma multiplicidade de linguagens: brincando, falando, escrevendo, lendo, construindo coisas, explorando o mundo, exprimindo os afetos através do corpo, do desenho, do olhar [...].

Portanto, compreende-se que a criança é um sujeito em construção e formação, que necessita do outro, tanto adulto como outras crianças, para estar socializando-se com grupos de sua convivência e com o mundo. Contribuindo para um conhecimento maior sobre si mesmo e outras relações, diárias ou não, tendo em vista que é fundamental que o ambiente escolar favoreça uma educação na qual a criança possa encontrar segurança. Que possibilite relações diversas onde assim ela irá crescer no pleno desenvolvimento construindo e aprendendo através do das

expressões corporais e múltiplas linguagens, desenvolvendo afetividade para com o mundo em sua volta.

A respeito das possíveis implicações do déficit de natureza na faixa etária de quatro a cinco anos, de acordo com as professoras entrevistadas, estão implícitos diversos malefícios como por exemplo o aumento da obesidade infantil, aumento dos sintomas do TDAH, imaginação limitada, entre outros. Durante o estudo foi possível perceber que determinados fatores apenas se desenvolvem nas crianças se elas não mantiverem contato com os recursos naturais.

O TDN limita a imaginação, a criatividade, não dando espaço para o pleno desenvolvimento cognitivo, uma vez que a criança passa a maior parte do seu tempo em ambientes fechados, onde até mesmo o teto se torna um empecilho para criações e descobertas. Outro fator prejudicado é o desenvolvimento psicomotor, o qual é fundamental na primeira infância, pois ainda estão se descobrindo a dimensão corporal, tendo implicações também nos aspectos culturais, sociais, psicológicos e mentais.

Quanto as atividades lúdicas realizadas em ambientes externos da escola, constatou-se através das entrevistas de Maria e Bela que ainda está em construção a proposição e qualificação dos processos formativos na Educação Infantil. Nota-se que as educadoras estão buscando conhecimento e embasamento teórico-prático para realizar propostas didáticas que não sejam limitadoras para os alunos, mantendo respeito e cuidado para que este processo ocorra de forma natural e livre, visto que, os ambientes precisam ser acolhedores para que a criança sinta-se pertencente a natureza.

Outro ponto considerado importante nesse sentido por Maria e Bela, é a observação na hora do brincar e o olhar sensível que o professor precisa ter para articular uma intervenção pedagógica significativa, sem atrapalhar o brincar da criança naquele momento e sem romper o raciocínio lógico que ela possa estar tendo durante aquela ação.

As docentes destacam que nesses momentos ao ar livre é necessário que a intervenção pedagógica ocorra sem medo, sem receio de sujar-se, considerando as relações entre crianças e adultos a fim de propiciar a eles aprendizagens e sensações inesquecíveis. Possibilitando espaços de liberdade à criação, brincadeiras, interações e experimentações.

A respeito da aprendizagem da criança durante brincadeiras ao ar livre, percebe-se a partir do relato de Maria, que as brincadeiras acontecem no pátio da escola, ou entorno dela. Geralmente essas atividades são organizadas no grande grupo, mas dependendo da proposta do educador, pode ocorrer em grupos menores de discentes. Salaria ainda que ocorre de forma livre, sem intervenção de adultos, uma vez que, afirma que a intenção do pátio, ou área externa da escola, é justamente o da liberdade, apenas realiza observações para poder ver o que estão construindo e de que forma está acontecendo esta aprendizagem.

Os resultados obtidos através da entrevista com a coordenadora Maria e com a professora Bela evidenciam que o brincar na natureza estimula a criatividade, dessa forma, os brinquedos são criados e reinventados a partir dos recursos naturais, oferecidos no ambiente externo. Nesse contexto, brincando de maneira mais criativa, além de proporcionar experiências com outros seres vivos é possível compreender os ciclos de vida e preservar o meio onde vive. Nesta vertente, o discente é estimulado a cuidar não só da natureza, mas um cuidado maior com o outro, visto que, conforme as educadoras, esses momentos acontecem em grande grupo, fomentando o aspecto social, visto que, como estão em lugares amplos e sem os brinquedos estruturados, os quais acabam por extinguir as situações de irritabilidade e competitividade, tornando as relações mais tranquilas e alegres.

Contudo, os resultados mostraram, ainda, que quando os alunos estão fora da sala de aula, ou em meio a natureza, são nítidas as mudanças, principalmente no sentido comportamental. Se relacionam melhor entre si em espaços abertos, ocorrem menos incidentes ou situações de conflito, pois sentem-se livres, se interessam de forma inata por tudo que encontram no caminho, fazendo questionamentos, formulando hipóteses e tornando estes momentos cheios descobertas próprias.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao fim desta pesquisa, junto a reflexões no decorrer da mesma, conclui-se que os escolares desenvolvem suas habilidades e potencialidades, através de elementos naturais, que são oferecidos pelos espaços, construindo e reconstruindo quantas vezes quiserem. Despertam curiosidades e manuseiam com fascínio o que está a sua disposição no ambiente e tudo acaba virando diversão e argumentações construídas por eles mesmos.

Faz-se necessário lembrar que a professora Bela tem uma turma agitada, que apresenta alunos em processo de diagnóstico médico de hiperatividade, crises de raiva e déficit de atenção. Sendo assim, nesta turma em específico, fica clara a diferença entre os ambientes fechados e abertos, uma vez que, nota-se mudança comportamental até mesmo na hora do sono dos escolares, adormecendo com mais facilidade e fazendo com que acordem mais calmos.

Outra questão relevante acerca desta pesquisa, são os espaços naturais da escola e de que forma os professores exploram esses recursos naturais a fim de aproximar a criança da natureza. As professoras trouxeram que a instituição escolar é rica no quesito arborização, é cercada por árvores e outras vegetações arbustivas, flores e plantações por todo o pátio. Esses espaços naturais fora da escola, estão disponíveis a toda a equipe, são lugares abertos, como o barranco, rodeados de árvores, inclusive com uma pequena trilha e árvores frutíferas, com uma praça ao lado com gramado e árvores, e ao lado um bosque, ambiente onde não pega o sol, pois é todo fechado de verde.

As docentes enaltecem que aproveitam ao máximo esses ambientes naturais, para atividades dirigidas em grupos, mas, ressaltam que acontecem mais comumente sem intervenção dos docentes. Levando em conta as necessidades e peculiaridades de cada um e abordando em planejamentos e projetos, interesses que surgem a partir dessas vivências e curiosidades. Engajando ideias retiradas e observadas dos momentos mais significativos para a turma, entrelaçando e atrelando sentido as experiências, para que não se torne algo solto na proposta pedagógica, mas que sim esteja totalmente ligada a ela.

Sendo assim, destaca-se a importância do contato da criança com a natureza, na Educação Infantil, pois esta relação permite à criança a exploração de vivências de movimentos básicos em suas formas mais diversas, a fim de aprimorar seu

rendimento por meio de habilidades e atividades pedagógicas, dirigidas ou não, lembrando ainda que, é uma caminhada em construção para que seja alcançado nos discentes um desenvolvimento pleno e saudável.

Se torna evidente que os momentos oportunizados para as crianças, em espaços ao ar livre, ou mesmo em meio a natureza, são intensos, uma vez que, são lembranças boas e marcantes que ficarão, mas que, infelizmente apenas um pequeno percentual está podendo desfrutar dessa dádiva, pois como podemos constatar durante o estudo dessa pesquisa, as crianças de hoje são mais estimuladas para o uso de tecnologias do que a brincar, saltar e pular.

A partir deste estudo, constatou-se, portanto, que há um pensamento ambiental latente e dedicação nas propostas pedagógicas das professoras entrevistadas, e que ambas demonstraram tematizar de forma aprofundada as questões que envolvem o desenvolvimento motor ao ar livre, sendo que as duas possuem especialização nesta área. Levando em consideração todo o tipo de brincadeiras ao ar livre, utilizando os espaços naturais da escola de forma integral e com muita liberdade nas mais diversas manifestações da cultura do movimento humano, junto à natureza.

Contudo verificou-se as valiosas aprendizagens que a pesquisadora obteve ao longo deste processo, esperança em novas atitudes, empatia por todos e qualquer ser vivo deste planeta. Um olhar sistêmico e sensível sobre a relação da criança com a natureza e sua aproximação com os elementos que ela oferece, fortalecendo este vínculo para que permaneça conectada a sua essência. Importante enfatizar que é preciso mudar alguns preceitos e preconceitos sobre a natureza, como por exemplo, que ela pode ser perigosa, ou que se sujar não faz bem, são visões construídas a tempo e que certamente levará tempo para que caia no esquecimento, uma vez que sempre haverá os pensamentos tradicionais.

A natureza deve e precisa estar no cotidiano de todos, em especial dos pequenos. Essa cumplicidade entre as relações, criança e natureza deve existir desde os primeiros meses de vida, lembrando que os bebês permanecem por nove meses dentro da água, na barriga da mãe, já inicia sua intensa ligação e conexão com o que a natureza oferece. Sendo assim, este vínculo precisa ser estimulado e aproximado, e não cortado, afastado, como se fosse o mundo de um lado e a natureza de outro.

Observou-se com clareza, a partir dessas vivências que as crianças aprendem a lidar com as situações extremas, superam seus limites e se tornam protagonistas

das suas descobertas. Aprendizagens simples do cotidiano que podem os levar a uma vida adulta mais preparada para enfrentar as adversidades, com uma mente e um corpo mais saudável, tornando-se um cidadão ecológico e consciente e que sim, se trabalhar com seriedade e dedicação o mundo de amanhã será com certeza melhor que o de hoje.

REFERÊNCIAS

- ÂMBITO JURÍDICO. Mulher e mercado de trabalho. Revista Âmbito Jurídico. São Paulo. 2015. Disponível em:<
http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6088>.
- BACKES, Dalila Inês Maldaner, FOCESI, Luciane Varisco. A ludicidade como agente ativo na formação do professor: repensando o fazer pedagógico. In: VALDUGA, Denise Arina Francisco, MENEZES, Mireila de Souza. (Org) **Formação de Professores: A articulação entre os diferentes saberes**. Novo Hamburgo: Feevale, 2007.
- BARBOSA, M; Carmen S; e HORN, M. da Graça S. Projetos na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. In: Anais do 17º **Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas, SP: UNICAMP, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2010.
- BARROS, Maria Isabel Amando de (org.). **Desemparedamento da infância: a escola como um lugar de encontro com a natureza**. Rio de Janeiro: Alana, 2018.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BUJES, Maria Isabel E. Escola infantil: pra que te quero?. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E.(Org). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CARVALHO, Alysson; GUIMARÃES, Marília. **Desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos**. In: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília (orgs.).
- CARVALHO, I.C.M. **Educação Ambiental a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2012. **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 31-49.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental do Sujeito Ecológico/ Isabel Cristina de Moura Carvalho- 5.ed.- São Paulo: Cortez, 2011.**

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.html>

Dallanogare, Catia Cristina Schneck, **A Relação da Criança com a Natureza na Primeira Infância**. Campo Bom, 2019.

ELALI, Gleice Azambuja. **O ambiente da escola—o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola—natureza em educação infantil**. Estudos de Psicologia, v. 8, n. 2, p. 309-319, 2003.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - LEI 8069/90 | LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990

FREIRE, Heike. **Educação Verde, Crianças Saudáveis: ideias e práticas para incentivar o contato de meninos e meninas com a natureza**. São Paulo: Cultrix, 2013.

GURESKI, Daniela, SAHEB, Daniele. **Educação Ambiental na Educação Infantil: Limites e Possibilidades**. Paraná (PUCPR), 2016.

_____. Ministério da Educação e Desporto. **Diretrizes Curriculares Nacionais Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>> Acesso em: 10 de Maio. 2019

_____. Ministério da Educação e Desporto. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf>. Acesso em: 06 de maio 2019

FOCHI, Paulo. **O brincar heurístico na creche**. Porto Alegre, 2018.

FORTUNA, Tânia Ramos. A importância de brincar na infância. In: HORN, Cláudia Inês. (Org.). **Pedagogia do brincar**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: A organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

JUSBRASIL. **Art. 71 Consolidação das Leis de Trabalho**: Decreto Lei 5452/43. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10758754/artigo-71-do-decreto-lei-n-5452-de-01-de-maio-de-1943>>. Acesso em: 03 de Maio. 2019

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina De Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LESKINEN, M.: “**Educación una clave hacia la igualdad**”, *Revista Observatorio Social*, núm. 5, 2004.

LOUV, Richard. A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.

MADEIRA, Rosemary M.; WANNER, Lusaqueli. O intocável ao alcance das crianças: vivências no pátio escolar. In: ALBUQUERQUE, Simone S. de; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana V. (orgs.) **Para Pensar a Educação Infantil em tempos de retrocessos: lutamos pela Educação Infantil**. Porto Alegre: Evangraf, 2017. p. 151-169.

MENDONÇA, Rita. **Atividades em áreas naturais** [livro eletrônico] /Rita Mendonça. -- São Paulo : Instituto Ecofuturo, 2015.

MENDONÇA, Rita, **Meio Ambiente e Natureza**, São Paulo, Editora Senac, 2012.

NEGRINE, Airton. **O corpo na educação infantil**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2002.

PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Available from SciELO Books .

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Pierópolis, 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

PROFICE, Christiana. **Crianças e Natureza**. São Paulo: Pandorga, 2016.

REGO, Tereza Cristina. VYGOTSKY: **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Editora vozes, 2004. 137p.

SCHWARTZ, Gisele Maria. **Aventuras na Natureza**. São Paulo: Fontoura, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TIRIBA, L. **Crianças da Natureza**. In: ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>. Acesso em 03 de Maio de 2018

TIRIBA, L. **Educação Infantil como Direito e Alegria**/Lea Tiriba. – 1ed – Rio de Janeiro /São Paulo: Paz e Terra, 2018

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979. A formação social da mente. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1984.

ZANON, Sibélia. **Educando na natureza**. [organização Instituto Ecofuturo; coordenação Michele Martins; ilustração Paloma de Farias Portela]. – 1. ed. – São Paulo: Ecofuturo, 2018. [livro eletrônico]

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Idade: Sexo:

Qual a sua área de formação acadêmica?

Qual o nível de aperfeiçoamento profissional? () graduação

() especialização Área:_____ () mestrado/ Área:_____

() Doutorado/ Área:_____

1. Já participou de algum curso ou palestra sobre Educação Ambiental?

2. Para você qual a relevância do contato com a natureza no desenvolvimento infantil?

3. De que forma utiliza os espaços naturais da sua escola? Como é a infraestrutura da escola?

4. Percebe ações e/ou comportamentos diferentes dos alunos quando estão ao livre ou em contato com a natureza? É a mesma postura quando estão dentro da sala de aula? Exemplifique:

5. Existe algum tipo de intervenção ou mediação pedagógica que realiza durante o momento do brincar na natureza?

6. De que forma acontecem as brincadeiras ao ar livre? São mais livres, individuais ou acontecem em pequenos grupos?

7. A nível de carga horária, quanto tempo os alunos possuem para explorar os espaços naturais da escola ou arredores da comunidade escolar?

8. Você já participou de cursos de formação continuada ou alguma palestra cujo o tema tenha sido sobre “a importância da relação da criança e para o seu desenvolvimento”? Se a resposta anterior foi sim, cita qual (is):

9. Segundo a tua concepção qual é a importância de possibilitar momentos de aprendizagem aos teus alunos usando recursos (elementos) da natureza?

10. Sabendo dos avanços das tecnologias digitais nos dias atuais, você percebe uma conexão entre a criança e a natureza? De que forma? Explique:

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezada Professora,

Você está sendo convidada a participar voluntariamente de uma pesquisa educacional, intitulada: **Um Olhar Sistêmico sobre a Relação da Criança com a Natureza na Educação Infantil.**

A pesquisa tem como objetivo geral: Analisar as concepções docentes entorno do brincar na natureza e avaliar de que forma as práticas pedagógicas que envolvam o contato com a natureza, a exploração dos espaços naturais da escola, podem contribuir para o desenvolvimento integral de crianças da faixa etária quatro a seis anos.

Vinculada ao Curso de Pedagogia da Universidade Feevale, a pesquisa justifica-se: pela Evidências científicas apontam que a natureza é de extrema importância para o desenvolvimento infantil, em todos os aspectos: emocional, intelectual, social, espiritual e físico, e que essa relação é necessária estar presente no dia a dia da criança, conforme Tiriba (2018).

A coleta de dados consistirá em observações de aulas e entrevista semiestruturada com a professora da turma.

A pesquisadora responsável pelo estudo irá identificar as informações de cada participante através de um código ou nome fictício que substituirá seu nome real. Todas as informações obtidas serão mantidas de forma confidencial. Os dados também podem ser usados em publicações da área da educação sobre o assunto pesquisado, porém a identidade dos participantes não será revelada de forma alguma. Os participantes têm o direito de acesso aos próprios dados.

Esta pesquisa trata-se de um Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Feevale e será desenvolvida pela acadêmica Tatiane Moura de Oliveira, sob orientação da professora Dra.Suelen Bomfim Nobre

Assinando este Termo de Consentimento, estou ciente de que:

1. A assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será em duas vias, permanecendo uma delas comigo e outra com a pesquisadora.
2. Esta pesquisa é de natureza qualitativa e responderei a uma entrevista semiestruturada, não sendo obrigada a responder todas as questões.
4. Estou ciente de que os dados da entrevista poderão ser divulgados através de publicações científicas ou educativas, como artigos, apresentações em eventos de Educação em geral.
5. Minha identidade será preservada, portanto, será considerado o sigilo e anonimato tanto na coleta de dados, quanto na divulgação dos resultados.
6. Minha participação na realização desta pesquisa não implicará lucros nem prejuízos de qualquer espécie. Estou ciente de que tenho total liberdade para desistir de participar da referida pesquisa a qualquer momento e que esta decisão não implicará em prejuízo ou desconforto pessoal.

Eu, _____ declaro que estou de acordo em participar voluntariamente desta pesquisa e que não possuo dúvidas dos aspectos constantes neste termo.

Novo Hamburgo, ____ de _____ de 2019.